

ANTÓNIO ARAÚJO

do Sporting

campeão júnior dos
83 metros barreiras

(foto Nunes d'Almeida)



Stadium

N.º 31 * 7 DE JULHO DE 1943

FECHEOU há dias o ciclo de provas e exibições que o nosso presado colega «Diário de Notícias» patrocinou, sob o expressivo título de «Jornadas de Propaganda Desportiva». Durante cerca de dois meses, aquêlê nosso colega promoveu provas ou exibições em nove desportos — vela, hipismo, esgrima, «basket-ball», tiro, pedestrianismo, ténis de mesa, remo e natação; levou a efeito um sarau luso-espanhol de gymnástica; e promoveu uma jornada de campismo, que pode ainda considerar-se como relacionada com desportos.

Exerceu, portanto, uma acção notável de propaganda eficaz e oportuna em elevado número de desportos. E uma das provas foi de propaganda em profundidade, com eliminatórias em numerosos concelhos do continente.

A iniciativa obteve êxito digno de elogio. Fez-se, de facto, boa propaganda, com algumas provas de carácter nacional, diferentes encontros entre selecções regionais e um sarau de gymnástica de nível internacional. Ao «Diário de Notícias» são, pois, devidos os melhores aplausos, por tudo quanto fez a favor do desporto, durante o ciclo em referência. Por nossa parte, aqui lhos consignamos, sinceramente.

Registado o êxito, voltamos a dizer, como fizemos antes do começo das «Jornadas», que os grandes diários, como aliás os jornais da especialidade, ainda que em esfera de menor amplitude, têm prestado e continuam a prestar ao desporto serviços que não é favor classificar de notáveis. Os jornais têm mostrado que sabem compreender que não é apenas de doutrinação a missão que lhes cabe, em qualquer meio desportivo. A força magnífica da sua expansão constitue precioso ponto de apoio para a propaganda de todas as idéias generosas e patrióticas. A imprensa não tem recusado esse apoio. Mas nem sempre se tem apreciado com justiça a cooperação da imprensa na propaganda desportiva, por parte de algumas das entidades que mais directamente beneficiam dessa propaganda.

Folgando com o êxito obtido pelas «Jornadas de Propaganda Desportiva» do «Diário de Notícias», e felicitando este diário pelo brilhantismo da sua iniciativa, formulamos votos no sentido de que se mantenha sempre ambiente propício às boas relações entre o desporto e a imprensa.

FALA-SE, noutra altura de «Stadium», nos serviços que a imprensa diária e da especialidade tem prestado ao desporto, em propaganda. O «Diário de Notícias» organizou, com êxito, uma série de «Jornadas de Propaganda», em onze modalidades — nove desportos, gymnástica e campismo. Foi uma das iniciativas de maior amplitude que têm aparecido na imprensa diária da capital.

Comparável a esta iniciativa de agora, lembram-nos os «Jogos de Preparação Pré-Olímpicos», que o «Séculos» organizou há anos, cremos que em 1925, em cooperação com o «Comité Olímpico Português». A ideia era mais completa — e tinha por objectivo a preparação dos atletas portugueses com vista aos Jogos Olímpicos de 1928. Quasi todas as provas tiveram a participação de atletas estrangeiros.

O dr. Agostinho de Campos, ilustre escritor e distinto filólogo, publicou recentemente, no «Diário de Notícias», dentro da sua série de artigos de defesa da lingua portuguesa, um artigo em que criticou a grafia de «ping-pong» e a sua tradução para ténis de mesa, lembrando que a êsaz desporto se chamasse, simplesmente, a portuguesa, «pim-pom».

É curiosa, e fundamentada, a lembrança. Registamo-la, por isso.

ESTÃO na moda as despedidas. Em Lisboa, no campo do Chelas, num desafio com o Benfica, registou-se a despedida de António Augusto Pires, valeroso e corredo defensor chelense. Em Beja, despediu-se, em desafio perante o seu público, o antigo guarda-redes Trincalhetas, do Luso Sporting, um dos melhores jogadores do seu distrito. Acentua-se dêste modo a renovação de valores no futebol lusitano.

FALECEU, há dias, em Lisboa, Henry Whittoyne, antigo empregado do cabo submarino em Vila Real de Santo António. Morreu com 65 anos. Como bom inglês, acompanhou o futebol de perto, cultivando-o e propagando-o com entusiasmo. Quando se fundou o Lusitano, na progressiva vila algarvia, ainda Mr. Whittoyne se dedicava ao futebol, não duvidando prestar ao Lusitano uma assistência que deve ter sido utilíssima nos primeiros anos daquêlê clube. Para êle, o futebol era sempre um belo jogo — mesmo quando mal jogado...

Paz à sua alma!

EM Madrid, numa das meias-finais da «Taça do Generalissimo», o Madrid F. C. venceu o Barcelona, por 11-1. Registaram-se, neste desafio, várias coisas curiosas. O Barcelona fez o goal de honra quando perdia por 11-0. O Madrid teve, ainda, quatro pontos anulados. Houve uma expulsão, de Benito. O Barcelona jogou grande parte do encontro apenas com 10 homens. O Madrid exibiu-se com muito brilhantismo. A partida decorreu, porém, numa atmosfera insuportável de manifestações contra o Barcelona... O antigo clube desorientou-se perante a altitude do público — e sofreu uma derrota pesada.

ANO XI — Lisboa, 7 de Julho de 1943 — II SÉRIE-N.º 31

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRÁFICAS LDA.

Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e Impressão de NEOGRAVURA, LTD.
Composição e Impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

DOIS clubes da capital festejaram agora o aniversário da sua fundação — o Sporting e o Casa Pia A. C. Os «leões» têm passado mais amplo, que vem desde os primeiros tempos do resurgimento do futebol em Lisboa. O Casa Pia A. C., pelas suas ligações com a casa-mãe, tem o nome ligado a um período que antecede a fundação do Sporting. Por coincidência curiosa, é sócio n.º 1 do Sporting o arquiteto António do Couto, que fez parte do «onze» caspiano que bateu o Carcavelos Clube, quando os ingleses do Cabo Submarino eram os mestres do futebol, entre nós.

O Sporting comemorou o 37.º aniversário; o Casa Pia A. C. tem calorze anos menos. A ambos, as nossas saudações mais efusivas.

FRANCISCO Stropm foi bem lembrado nas festas do aniversário do Sporting. Em homenagem ao saúdoze atleta «leonino» inaugurou-se um medalhão de bronze, mandado construir pela «Comissão Organizadora do Homenagem a Francisco Stropm e Alvaro Gaspar».

Francisco Stropm era o protótipo do jogador duro que não deixava nunca de ser leal. Batia-se com galhardia, não se poupava a esforços, mas sabia respeitar os adversários. Contava por isso amigos dedicados — em todos os clubes.

Transitou do Campo Grande Futebol Clube, quando êste se transformou em Sporting Clube de Portugal. Foi uma das grandes figuras do seu grupo e esteve no Brasil como seleccionado da Associação de Futebol de Lisboa. Formou com seu irmão António Stropm, também falecido, um duo de jogadores e atletas «leoninos» que é ainda recordado com saúdoze — pelo valor em prova e pela dedicação ao único clube que representaram.

A natação lisboeta atravessa um período de movimentação que pode ser útil à propaganda e expansão de tão excelente desporto. Com a saída de alguns nadadores do Sport Algés e Desjundo para o Estoril Praia, em reforço de um regular núcleo de atletas, passou Hermanno Patrone, um dos mais antigos nadadores, jogadores de «water-polo» e saltadores do Alges, à categoria de treinador do florescente clube.

Hermano Patrone, aceitando o cargo, que representa distinção absolutamente merecida, abandonou a sua actividade de atleta. Passa a ser apenas treinador. É uma situação desafogada, claro, que lhe permite dedicar-se completamente à nova função. A natação no Alges fica, pois, bem entregue.

MEREGE registou o brilhantismo com que decorreu a grande regata oceânica para disputa do «Troféu Dr. Oliveira Salazar», instituído pela Brigada Naval e pela Federação Portuguesa de Vela. Organizada pela Associação Naval de Lisboa, e disputada em três êtapas, a prova principiou com entusiasmo e concluiu com uma jornada excelente para demonstração do valor das tripulações, constituídas apenas por amadores.

Venceu o «Tupy», do sr. Vitor da Silva Domingues. Registando o êxito da iniciativa, saúdoze a tripulação vencedora.

DENIRO do programa do último domingo das «Jornadas de Propaganda» do «Diário de Notícias», destacamos, como manifestação de modalidade digna de propaganda, a prova de tiro com arma de guerra. As carreiras de tiro tiveram um dia de animação. E registaram-se bons resultados. Continua pois a haver quem se dedique ao tiro. Faltam, no entanto, as provas...

MANUEL dos Santos, o falecido dirigente e jornalista desportivo, que gosou, no Pôrto, de grande prestigio e que era um orador vibrante, foi recordado, há poucos dias, num sessão de homenagem levada a efeito na sede do Clube Fluvial Português, ao qual o falecido desportista tinha prestado notáveis serviços.

A esta homenagem a Manuel dos Santos associaram-se vários clubes do Pôrto.

cêrca de vinte mil prêmios

do concurso do «Goal da Vitória»

NA IMPORTANCIA SUPERIOR A SESENTA E DOIS MIL ESCUDOS

Estão apurados os «finalistas» do nosso Concurso, aquêles concorrentes — E SÃO VINTE E DOIS (22) — que acertaram, pelo menos, com um marcador do «GOAL DA VITÓRIA» em todas as dezoito jornadas do último campeonato nacional de futebol. Indicam-se o seguir os seus nomes:

Armando Augusto Leitão (Viseu), António Félix Pita de Azevedo (Lisboa), António Guerreiro da Paivão (Lagos), D. Albertina Quaresma Macedo (Lisboa), Benjamin de Almeida Freitas (Leiria), Eduardo Leiria Dias (Lisboa), D. Emília de Moraes Pereira (Lisboa), Florentino Luís Gonçalves (Minas das Panasqueira), D. Francinet Lemos Lopes (Lisboa), Henrique Brantuas (Coimbra), José Cabeçadas Coelho (Lisboa), João Correia dos Santos (Lisboa), Jaime de Moraes Pereira (Lisboa), Jaime Pereira (Lisboa), Jaime S. C. Sales Luis (Lisboa), José Viegas (Faro), Ludgero Vieira (Caldas da Rainha), Manuel Alvarez (Lisboa), Manuel de Carvalho (Lisboa), Manuel das Neves Matos (Lisboa), Rui da Silva Branco (Lisboa) e Vítor Casaca (Coimbra).

Todos os concorrentes que se mencionam nesta lista, estão habilitados ao prêmio final de DEZ MIL ESCUDOS, cujas importâncias parciais (45850 a cada) só serão, porém, entregues A PARTIR DO DIA 22, que é quando termina o prazo de QUINZE DIAS, estabelecido para o recebimento de qualquer reclamação de quem se julgue com direito, também, ao prêmio final.

Pedimos aos concorrentes que se julguem habilitados aos prêmios de quinhentos escudos que os reclamem, na nossa administração, ATÉ O DIA 15. A partir dessa data não aceitamos reclamações — a não ser no que diz respeito ao prêmio de DEZ CONTOS.

No nosso concurso, que foi um êxito autêntico, a demonstrar o interesse dos inúmeros leitores da «Stadium», distribuíram-se (pode empregar-se, aqui, o pretérito com propriedade, pois são já poucas as importâncias por liquidar) dêrca de VINTE MIL PRÊMIOS, no montante de 62.200\$00 (SESENTA E DOIS MIL E DUZENTOS ESCUDOS) — incluídos os dez contos do prêmio final.

Para melhor elucidação, veja-se a lista seguinte:

N.º Boletim	1.º Prêmio	2.º Prêmio	3.º prêmio
1.....	—	—	472
2.....	—	106	1950
3.....	1	113	2252
4.....	—	6	501
5.....	—	128	1644
6.....	—	53	1591
7.....	—	6	1126
8.....	—	3	503
9.....	3	58	1451
10.....	—	3	903
11.....	—	14	938
12.....	—	104	1253
13.....	—	66	1204
14.....	—	2	1062
15.....	—	3	482
16.....	—	2	248
17.....	—	13	522
18.....	6	213	820
Totais	10	893	18.982

Houve, portanto, 19.885 PREMIADOS! Acrescentando-se-lhes mais 82 (OITENTA E DOIS) prêmios a jogadores, cada um na importância de CEM ESCUDOS, e os 22 (VINTE E DOIS) concorrentes ao GRANDE PRÊMIO FINAL, apura-se o quantitativo de DEZANOVE MIL NOVECENTOS E OITENTA E NOVE PRÊMIOS DISTRIBUIDOS PELO CONCURSO DO «GOAL DA VITÓRIA».

E as importâncias atribuídas, são: TRÊS VEZES SEISCONTOS (18.000\$00) + DEZASSETES VEZES MIL ESCUDOS (17.000\$00) + DEZOITO VESES QUINHENTOS ES-

FRANCISCO STROMP

MODÉLO DE VIRTUDES DESPORTIVAS

evocado por um companheiro que foi o seu continuador

No festival comemorativo do seu 37.º aniversário, o Sporting Clube de Portugal rendeu saudosos prelo à memória de Francisco Stromp, um dos seus fundadores e o maior paladino da organização «leonina».

«Stadium» apresentou no seu passado número alguns aspectos do «Dia do Sporting» e da cerimónia de descerramento da lápida consagrada a Stromp, mas completa hoje a referência a tão notável acontecimento, associando-se à homenagem — que foi de todos os desportistas portugueses — com a publicação na íntegra da emocionante e primorosa oração evocativa pronunciada pelo nosso colaborador dr. Salazar Carneira, companheiro de Francisco Stromp nas lides desportivas e o mais legítimo continuador do seu entusiasmo clubista.

o Sporting salda hoje uma dívida de gratidão registada há longos anos no espírito de todos os seus associados e cujo significado ultrapassa largamente os limites do âmbito clubista.

Os homens são naturalmente ingratos e tanto mais ingratos quanto mais o tempo vai apagando a imagem das figuras e dos factos que deviam perpetuar. As gerações sucedem-se com paixões novas e hábitos diversos, que as dissociam no critério de apreciação das individualidades com as quais já não tiveram contacto directo, e por isso são por elas julgadas fora do sentimento da sua época própria, com aspecto anacrónico que não corresponde à realidade.

Compete aos homens das gerações intermédias assegurar a continuidade no conhecimento dos vultos representativos do passado, daqueles cujo exemplo encerra uma lição preciosa e cujo carácter ascende ao simbolismo de uma ideologia que se procura manter nas camadas vindouras pela cate-

que de princípios morais onde falta, muita vez, o reforço convincente da prova prática por sobre a falacidade da argumentação teórica.

Os sportinguistas dos tempos históricos, veteranos das hostes rarefeitas, — já infelizmente rarefeitas —, que animaram as primícias e impulsionaram no início o desenvolvimento do clube grande que hoje é o orgulho de tantos milhares de associados, cumprem aqui uma obrigação que representa simultaneamente um serviço à colectividade, na sua mais nobre expressão espiritual de aglomerado de indivíduos ligados pelo mesmo desinteressado pensamento de ideais comuns; o amor clubista, na sua interpretação exacta, comparo-o a uma miniatura do sentimento que nos prende na comunidade da Pátria.

Aquêles a quem hoje prestamos homenagem foi o mais representativo herói da agremiação «leonina» — e a sua imagem vigilante no terreno de jogos do Sporting ficará sendo, para quantos nele desenvolvam a sua acção desportiva, o símbolo da lealdade, da dedicação, do entusiasmo viril, do sacrifício e do idealismo que devem constituir o timbre de toda a actividade desportiva.

Francisco Stromp não é apenas nosso: pertence ao desporto português, de cujos praticantes se destaca a-par dos mais sinceros e perfeitos. Mas, dentro do Sporting, é impossível esquecê-lo, porque sempre há-de viver nas nossas vitórias, nas nossas lutas, no nosso labor quotidiano; para sempre queremos que a sua recordação perdure no espírito daqueles que pelo clube actuem com fé, com amor, com devoção e entusiasmo, como êle fez.

Na época incerta que atravessamos, em que a lealdade emparelha com a corrupção moral, sabe bem evocar a personalidade cavalheiresca de Francisco Stromp, para quem eram poucos todos os esforços que a necessidade do clube lhe pedisse. É um banho de espiritualidade e de virtude a lavar-nos o pensamento da lama que às vezes o salpica.

Francisco Stromp será imperecivelmente, para os que o apreciaram em vida, o estandarte glorioso da tradição «leonina»; a êsses, faço a justiça de acreditar que é desnecessário explicar-lhes quanto êle representou, e é preciso que continue a representar, no espírito da população sportinguista; mas não perco a oportunidade para o exaltar ante os novos — luminosa alvorada das nossas esperanças desportivas — que encontrarão no seu exemplo o melhor dos patronos e no desejo constante de o imitar a garantia de aperfeiçoamento e de integridade moral.

Oçam, rapazes, quem era Francisco Stromp. Oçam e nunca mais esqueçam o que o seu nome simbolisa para quem ostenta no peito o mesmo emblema que êle tanto dignificou e enalteceu com acrisolado empenho. Integra na sua alma se mantinha em todas as contingências a dedicação pela colectividade, intangível nas mais críticas emergências a fé nos seus destinos forte, física e moralmente, valente e leal, com um leão, generoso do seu esforço sem conhecer desânimos, dentro do peito a palpitar-lhe sempre o amor pelo escudo verde com o leão rompante.

Acostumáramo-nos a considerá-lo como a personificação do Sporting; o Chico, para nós, seus camaradas, era a alma do clube, altiva e cavalheiresca, indomável e serena, querida e respeitada. Alma sã em corpo são, traduzia-se na rude franqueza com que exteriorizava as suas opiniões, a força de carácter e a rectidão da consciência.

Coração generoso, sempre pronto a auxiliar até ao sacrifício o amigo ou companheiro em transe difícil da existência, até nas suas últimas horas pensou naqueles cujo amparo assumira.

Na sinuosa estrada da vida, semeada de abrolhos, árida e dolorosa, espalhou o bem e

Um inquerito de «STADIUM»

Lêr no nosso proximo número as opiniões dos srs. capitão Maia de Loureiro, representante do Desporto na Camara Corporativa; professor Cruz Felipe, presidente da Federação de Futebol; 1.º tenente Joel Pascoal, presidente da Associação de Lisboa; capitão Ribeiro dos Reis, antigo seleccionador nacional; Tavares da Silva, que seleccionou o grupo dos «novos»; dr. Augusto da Fonseca, presidente do Benfica; dr. Amado de Aguiar, presidente do Sporting; dr. Constantino Fernandes, presidente do Bele-nenses; Paiva e Silva, presidente do Atletico; Ricardo Ornelas, brilhante jornalista; Carlos Canuto, arbitro internacional; Janos Biri, treinador dos campeões; Carlos Alves, treinador do Atletico; e Adolfo Mourão, capitão do «team» nacional, — que emitem o seu parecer acerca da última época de futebol.

CUDOS (18.000\$00) + 8.200\$00 DE PRÊMIOS A JOGADORES + DEZ CONTOS = SESENTA E DOIS MIL E DUZENTOS ESCUDOS (62.200\$00).

Tal é o balanço geral do CONCURSO DO «GOAL DA VITÓRIA».

(Conclue na pág. 6)

o Almirante HORTHY regente da Hungria tem 75 anos mas pratica o desporto com a mesma devoção da mocidade

NÃO são muitos os chefes de Estado que cultivam os desportos. Mas alguns há, felizmente. E em Portugal tivemos, pelo menos no rei D. Carlos, um fervoroso desportista praticante. De todos, porém, notabilizaram-se: o saudável rei Alberto da Bélgica, esse modelo de soberano a quem um desastre nas montanhas roubou a vida; o rei Gustavo V da Suécia, um simpático velhinho que gosta ainda da sua partida de ténis; a rainha Guilhermina da Holanda, velocipedista afamada; o ex-rei Eduardo VIII de Inglaterra, que uma mulher levou ao sacrifício da renúncia ao trono, e o rei Faruk do Egipto.

Nicolas Horthy de Nagybánya, actual regente da Hungria, é também um bom desportista. E a pesar de ter completado há pouco os 75 anos (nasceu em Kenderes, condado de Szolnok, no dia 18 de Junho de 1868) cultiva ainda os desportos com fervor, seguindo assim uma tradição de família.

As olimpíadas de Berlim, em 1936, atraíram a atenção do mundo inteiro. A Hungria, cuja população não excedia sete milhões e meio de almas, pôde seleccionar as suas equipas — e de tal modo se houveram os seus representantes que o país classificou-se em terceiro lugar, a seguir aos Estados Unidos e à Alemanha. Esse pequeno país maravilhou o mundo desportivo, por intermédio dos seus esgrimistas, atletas, cavaleiros e nadadores — e o êxito conquistado então não era mais que o reflexo da acção bem orientada dos seus dirigentes. Daí o reconhecimento da juventude húngara ao Regente — depositário do espírito que anima a mocidade desportiva daquela nação.

A vida e a actividade de Nicolas Horthy estão inteiramente ligadas aos desportos. Desde criança que o actual regente da Hungria se considera um desportista praticante. Com oito anos, apenas, maravilhou os habitantes de Debrsen — cujo colégio frequentava então — quando apareceu nas ruas da cidade montado na sua «velo». De pioneiro da velocipeda, Horthy viria a ser, vinte anos mais tarde, um autêntico campeão de ciclismo — pois obteve o terceiro lugar nos campeonatos militares.

Não vamos aqui falar dos feitos do salvador da Hungria, nem da sua carreira na vida pública. Interessa-nos apenas o aspecto desportivo. E se realmente o almirante Horthy tem a sua fama ligada aos destinos da Hungria, é também certo que o desporto o ajudou a derrubar muitos obstáculos, auxiliando-o grandemente a vencer na vida.

O «yachting», o atletismo, a natação, o



hipismo, o remo, o tiro, a esgrima, o ténis, os desportos motorizados, o alpinismo e até a caça, forjaram-lhe qualidades e temperaram-lhe o ânimo. Viajou muito. Viajou imenso. E através das suas excursões ao Extremo Oriente e à Nova Zelândia, como a outros pontos mais do hemisfério — nunca deixou de praticar os seus desportos favoritos. Entrou em várias provas e celebrou-se como desportista de bom quilate. Foi, em suma, um verdadeiro campeão.

As proezas de Horthy — discípulo dilecto de seu tio Etienne, célebre oficial de «hussards», que aos 80 anos ainda tomava parte em concursos hípicos... — não têm conto! São inúmeras. Uma vez, por exemplo, demonstrou a maior bravura quando, em Calcutá, o seu cavalo caiu ao saltar a última barreira num concurso de

hipismo: Horthy, a pesar de ter partido uma clavícula e sofrer horrivelmente, foi até ao fim e ganhou! De outra vez, numa viagem às ilhas de Bornéu e Java, escalou um vulcão em actividade, na região de Surabaja, subindo até 3.600 metros de altitude! Mas as modalidades preferidas — embora Horthy tenha praticado a maioria dos desportos — são ainda a esgrima e o ténis, o hipismo, a caça e a vela. E, especialmente, a ginástica — pois nunca deixou de fazer, todas as manhãs, a sua habitual sessão de cultura física...

Éis um símbolo do desportivismo e um exemplo para o seu povo e para os desportistas de todo o mundo.

Toda a família Horthy pratica os desportos. Os filhos do regente da Hungria, nomeadamente Etienne, que o acompanhou sempre na chefia da nação e era o seu substituto nos negócios do Estado, foi um digno émulo de tal pai. O motociclismo tinha as predilecções de Etienne — que venceu inúmeras corridas, no seu país e no estrangeiro. E também a aviação, tendo organizado uma prova Budapeste-Londres e volta, na qual, dos cinco aviões participantes, só o dele conseguiu ir até o fim... Até mesmo quando casou, em 1940, só soube utilizar o avião para a costumada viagem de núpcias. Mas o valente Etienne tombou no campo da honra e a nação inteira chorou então a perda de um dos seus melhores campeões. O irmão do regente, Eugène Horthy, igualmente conquistou famas e glórias nos desportos hípicos e na caça. É também escritor e a sua melhor obra intitulou-se «Os desportos de uma vida», em que descreve expedições às montanhas húngaras e mais tarde à África. O desporto, sempre o desporto na vida da família Horthy...



PORTUGAL DESPORTIVO



1—O grupo de futebol do "Colégio Brás G. Mascarenhas", C. E. n.º 1 da "Mocidade Portuguesa", de Oliveira do Hospital que conquistou brilhantemente o título de campeão da Beira-Alta da "M. P."; 2—Santos Machado, do Dramático de Cascais, campeão nacional de corridas em patins nas distâncias de 500, 1.500 e 5.000 metros; 3—António Padeira, de Montemor, vencedor da "Taça Portugal" no último torneio de tiro aos pombos de Elvas; 4—Engenheiro José Corado, de Elvas, que conquistou as provas "Grande Premio" e "Pião Fernandes", no mesmo torneio; 5—Manuel Padeira Junior, que venceu na "Taça Tavares Valente", ainda no referido torneio; 6—L. Reis, J. R. Soares e L. Brito, vencedores da prova de ténis de mesa disputada há pouco em Ponta Delgada; 7—Fernando Silva, excelente extremo esquerdo do Sport Clube de Penafiel



O ciclismo português de parabens...

Lopes, Lourenço e Martins, vencedores em Palma de Maiorca, foram mais uma vez dignos representantes da velocipedista nacional

VITÓRIAS tão consecutivas, tão nítidas, tão convincentes — julgamos que poucas vezes se têm registado, para atletas portugueses e em modalidades desportivas de competição individual, como as conseguidas, em 1942 e 1943, pelos ciclistas lusos em Espanha.

E mesmo que tal se tivesse dado — a memória quasi nos afirma categoricamente que não — já mais se deu, com modalidades tão pouco acarinhadas, em circunstâncias idênticas às de agora.

Sem terem disputado, antes de partir, uma única prova de pista, sem possuir sequer recinto igual ou semelhante àquê onde iam lutar, para os aconselháveis treinos, e tendo ainda de correr com um grupo de adversários briosos e espicaçados pela imprensa e pelos seus apaniguados, «que lhes impuseram a obrigação de defender condignamente as cores de Espanha e do ciclismo espanhol», como disseram os jornais de Barcelona, — os nossos compatriotas João Lourenço, José Martins, Alberto Raposo e Eduardo Lopes souberam impôr-se de tal maneira que nas ro provas já disputadas triunfaram 8 vezes as camisolas dos clubes de Portugal.

E não julguem os cépticos ou descrentes que tais resultados foram obtidos perante

adversários de valor mediocre. Se outros factos não houvesse para justificar a classe dos adversários, bastava dizer-se que um deles — Plans — é campeão de Espanha; outro — Leompart — é «recordman» de provas atrás de moto; que dois — Sancho e Fombelida — consideram-nos os críticos como os mais completos «pistards» maiorquinos; e que todos pertencem à «escola» catalã, criadora de estradistas de categoria internacional, tais como Cañardo, Esquerria, os irmãos Truebas, o malogrado Cepeda, Dermitt e tantos outros ases da velocipedista espanhola.

Portanto, os triunfos agora obtidos pelos ciclistas lusos — sequência dos de 1942 — devem encher de orgulho todos os portugueses que presam a sua terra e servirão certamente para provar que temos enfim mais uma modalidade desportiva capaz de proporcionar ao país vitórias positivas, atlética e moralmente...

* * *

O último contacto tido pelos portugueses com os espanhóis deu-se na magnífica pista de cimento de Palma de Maiorca.

Correram-se provas de velocidade pura, de eliminação e «1 hora de critério», com «sprints».

Opostos separadamente aos melhores especialistas de 1.000 metros, e isto para que os nossos se não pudessem entreajudar, Lourenço venceu a primeira e terceira «série», batendo Leompart e Salon, e a Lopes pertenceu o triunfo na segunda e quarta «série», vencendo, respectivamente, Salon, Leompart e Martorel.

Na eliminação o vencedor foi o catalão Böver, mas na «1 hora de critério» a superioridade dos portugueses começou a manifestar-se logo nos primeiros quilómetros. E que podendo já entreajudar-se e fazendo alarde de tática de execução inexcelsível, Lopes e Lourenço, mais velozes, encarregaram-se de vigiar e bater os «sprinters», enquanto Martins, com o seu «passo» duro, ia ganhando terreno e conquistando vantagem suficiente para adjudicar a vitória final.

Resultado: 1.º José Martins; 2.º Eduardo Lopes; 3.º João Lourenço; 4.º Leompart; 5.º Salon; 6.º Plans.

Depois d'êste brilhante comportamento dos portugueses, tódá a crítica realça o valor do sportinguista e dos «luminantes», chegando até o cronista da «Marca» a dizer que «aparte algumas das figuras de maior evidência do ciclismo francês que têm corrido em Espanha, são os lusitanos os homens mais rápidos, mais voluntariosos e de maior classe que têm pisado as pistas daquele país nos últimos tempos».

Bem haja por tais referências, pois elas decerto se reflectirão na marcha e no progresso do ciclismo.

Noíças vários

Constituiu verdadeiro êxito a organização velocipedista promovida, no passado dia 27 de Junho, na festa do Lima.

Animados com os resultados desportivos e financeiros das reuniões anteriores, os dirigentes do ciclismo nortenho abalancaram-se a novos cometimentos. Assim, a velocipedista no Porto parece que encontrou possibilidades de progredir, quer tecnicamente, quer em movimento e expansão.

Na última reunião do Lima pertenceram à equipa do Sporting Clube de Portugal as honras da tarde, pois foi ela a vencedora da maior prova do programa — a «Hora à americana».

Com exhibição brilhante, os três «leões» — Inácio, Bartolomeu e Aristides — não só «aguentaram» admiravelmente a fogueira dos homens do F. C. do Porto, Salgueiros e Académico, como se impuseram à equipa

Coisas do «Boxing»...

...por cá e no estrangeiro

A O escrevermos estas linhas — não sabemos se os leitores conhecem a mecânica de uma revista do género da «Stadium», que tem de ser feita sempre com antecedência — ainda não se deu a sessão do Estádio Mayer, em que Bení Levi defrontará o espanhol Tarré e Guedes terá pela frente o «puncheur» Guillén. Mas afigura-se-nos que Domingos Pinto andou acertadamente — e já não era sem tempo! Porque as duas sessões anteriores foram uma tristeza. ¿ Culpa de quem! Não curamos de o saber, porque, felizmente para nós, não somos organizadores nem publicitários... Apenas — e com muito orgulho — jornalistas.

Vem isto a propósito do que dissemos (e não tiramos uma frase sequer!) da sessão de 18 de Junho. E repetimos: deu-se mais um tirinho no Parque Mayer...

Ora a crítica é livre. Diz-se o que se pensa e a sensibilidade manda. Falou-se de tudo: até de gravatas! Mas o «Negus» (que afinal é um excelente moço) não gostou! Não foi só êle...

Queremos, a propósito — porque acima de tudo estão as necessidades imperiosas da vida — fazer uma rectificação: não se pretendeu beliscar o «boxeur» António Costa, nem nenhum deles, afinal, porque todos são vítimas do meio em que vivemos neste cantinho escondido do planeta. E todos são vítimas da mesma «exploração»!

¿ Que é o «boxing» profissional se não um comércio permitido?! Que importa, pois, saber se à credulidade pública interessa o viver de êste ou de aquele, se todos fazem o mesmo officio de corpo presente...

Com faculdades ou sem elas (os anos passam e são terríveis devastadores de energias; e quem as acumulou, e desperdiçou depois em lutas estêreis sabe bem que aos trinta não pode fazer-se o mesmo que dez anos antes!) os pugilistas são contratados, a preços de saldo, e lá vão para cima do «ring» dar o corpo ao manifesto e um espectáculo que o público, de maneira nenhuma, pode apreciar. ¿ Gente nova?! Indiscutivelmente! Em tudo — e por tudo — os mais antigos têm de ceder o lugar aos mais modernos.

Apez-se ultimamente um torneio popular — e fizeram alguns rapazes com habilidade. Aproveitem-se. Que o «boxing» precisa, sempre, de ser renovado. O público exige-o. O público que paga tem direitos — que adquiriu desde que foi à bilheteira. E vai fazer-se outro torneio. Olhem os srs. organizadores para isto — e não pensem somente no êxito financeiro! Que, verdade, verdade, também o podem ter desde que os programas sejam convidativos...

* * *

Em Budapeste disputou-se há poucos dias um encontro Espanha-Hungria, em amadores. Venceram, claro, os húngaros! Mas os espanhóis afirmaram valor. ¿ Porque se não faz o mesmo entre nós?! Mas, como — se nem sequer os campeonatos regionais a Federação promove?... Castiga, realmente, organizadores, «managers» e pugilistas — porque só o campo profissional lhe interessa. ¿ E então os amadores? Pois por aí é que devia principiar a sua função. Mas não! Vistos em programas, muitas a quem prefere pagá-las do que ver-se inibido de continuar — eis no que a Federação pensa. E a Federação castiga! ¿ Mas quem castiga a Federação?!...

J. M.

sua rival no sul — a da Luminante — em dia bastante apagado...

No entanto, a subida de forma dos sportinguistas, a boa conta que deram de si os homens dos clubes nortenhos, onde Carvalho Marques e Império sobressaíram, a adaptação fácil a provas de pista manifestada por Jacinto, e ainda a possível reparação de um núcleo de corredores independentes, que se prevê para breve, — tudo isto deve servir de «cartaz» para a reabertura da pista do Lumiar, marcada para o próximo dia 13, com um programa que deve agradar.

Assim o desejamos — e de certo todos quantos se interessam pelo ciclismo.

FRANCISCO STROMP

(Conclusão da pág. 3)

manteve translúcida conduta de honestidade e rectidão que ficou, após êle, como rasto de luz suave a relembra o seu vulto prematuramente desaparecido.

Junto do seu ataúde vi lagrimas sinceras em olhos de adversários, porque a sua intrinsecidade sportinguista pode haver-lhe proporcionado antagonistas, mas a lealdade do seu proceder e o idealismo da sua paixão fizeram, destes, amigos ou admiradores.

Os anos passaram, diluíram a sua recordação, mas Francisco Stromp é ainda e será sempre apontado como uma das mais puras figuras de desportista português. Para nós, que nos dizemos «leões», representa o modelo das virtudes clubistas e por isso lhe consagramos testemunho de saúde, aquela saúde que o não deixará morrer no clube, no sentido que êste verbo encerra de fim, de desaparecimento.

Repto aquelas palavras do grande escritor Coelho Neto no mais pungente livro de saúde que conheço em linguagem portuguesa e que há treze anos, quando trágicamente se despediu de nós, transcrevi no Boletim do clube: «o que ficou sepultado na terra foi o casulo abandonado; a borboleta voadora, na luz, e, de quando em quando, saudosa, baixa do céu à terra e pousa de leve nos nossos corações».

O espirito de Francisco Stromp ressurgiu hoje aqui, animoso como outrora, no fervor clubista de todos nós; não o deixaremos nunca mais partir, prendendo-o ao encantamento de um Sporting forte, próspero e digno, consciente e unido, como êle sempre o sonhou.

Nas horas de alegria, nos momentos amargos de desânimo ou de crise, a todo o instante da existência sportinguista, obedeçamos ao mandato da lição que nos legou; e, em qualquer parte onde os «leões» lutem pela glória da sua bandeira, onde palpitem ou sófra a alma clubista, onde corram ou joguem os homens das camisolas verde-brancas, façamos na consciência o apêlo do chefe desaparecido porque o seu exemplo estará sempre ali a nosso lado.

Sportinguistas, afirmai comigo a vossa fé nos destinos do clube tomando como simbolo o nome imperecível do seu maior atleta:

Sporting Clube de Portugal! — Presente! Francisco Stromp! — Presente!

O PRESTÍGIO DE UMA PROFISSÃO

V I

RAROS são hoje os que escrevem nas rubricas desportivas dos jornais que não tenham a chamada «paixão clubista».

Alguns tiveram uma razão determinante para o seu aparecimento: a defesa acentuada de determinado ponto de vista, de determinado facto, com obliteração total da razão e fundamental da imprensa desportiva.

Por outro lado, a maneira como se estava a encaminhar a propaganda desportiva em certos jornais, subordinados ao interesse de um ou outro clube ou individualidade, a forma acintosa como eram postos de parte artigos de interesse geral para a comunidade desportiva a fim de que o espaço servisse assuntos comensuráveis, originou a escassez de bons jornalistas, com finalidade constitutiva, animados pelo desejo de serem úteis à causa desportiva — ao desporto nacional.

Esse exame de «novos» — mas sem idéias novas... — constituiu um fracasso. E, assim, de um momento para o outro, os jornais, da especialidade ou não, começaram a publicar as mais diversas coisas — muita prosa balfoa, muitos artigos reclamativos a este ou àquele clube, a este ou àquele indivíduo, sem vantagem para os assuntos puramente desportivos, que estavam em primeiro lugar.

Entrou-se na louzaminha, no encómio disfarçado, num caminho por onde nunca se deveria ter enveredado, por ser a negação total dos princípios desportivos, onde a verdade deve ser um tema, qualquer coisa de suprema lei.

O exame dos «novos» era cada vez maior, mas os dirigentes, com pouco critério ou cuidado, não se preocuparam que eles invadissem

as redacções. Começou então a acentuar-se o desnível do jornalismo desportivo.

Postos de lado, involuntária ou propositadamente, desgostados por faltas de atenção e por melindres justificados todos aqueles que já vinham dos tempos da propaganda, os nossos jornais passaram a dar-nos, com raríssimas mas nobres excepções, a panorâmica a que todos assistimos compungidos.

E assim foi desvirtuada a razão fundamental que criou e desenvolveu a imprensa desportiva.

Não raras vezes sucede, ao chegarmos aos campos desportivos, virmos a nosso lado, de lápis em punho, em atitudes de «compentradados», indivíduos que não conhecemos da falange dos jornalistas desportivos, que não sabemos quem são, nem donde vieram.

Olhamo-nos, interrogamo-nos, numa cena muda que termina, geralmente, por um encolher de ombros.

São bons de ouvir, então, os relatos telefónicos que dali saem para as redacções, ou os escritos que brotam daquelas canetas improvisadas... Em todas as épocas e em todos os campos, eles ali estão, com êres de importância, tratando de «tu» este ou aquele, como grandes senhores nestas coisas do desporto.

Ora isto será assim por toda a vida? Estaremos sujeitos a acotovelar-nos com pessoas que não sabemos quem são nem donde vieram, que envergonham os verdadeiros jornalistas pela sua incompetência em determinadas situações — como alguns que são apontados a dedo pelos dirigentes desportivos como terror de agapes e coisas quejandias?...

MÁRIO AFONSO

O COIMBRÕES

JÁ TEM CAMPO!

NINGUÉM desconhece, por certo, a série de vicissitudes por que tem passado o glorioso Sporting Clube de Coimbra, agrupamento desportivo que é um dos motivos de orgulho do visinho concelho de Gaia.

Por causas que não podem ser objecto de crítica nos jornais — porque são retintamente associativas — o Coimbrões perdeu o seu campo de jogos, e viveu a época finda verdadeiramente à sorte...

Mercê, porém, de melhor atenção por parte dos seus dirigentes, parece que este grave óbice está resolvido, ou em caminho de franca solução. A nós, deram-no-lo como já aplanado e firmado: o Coimbrões tinha campo — e até sede — para a próxima época, embora um pouco mais distante do que o anterior, mas servindo bem para os fins em vista.

O que resta fazer? Que a «família» se una, se quotize, se deixe de arrastar a vida pelos soalheiros da vila, antes se congrege e procure fazer uma obra como o seu clube merece.

Exemplos não lhe faltam e dos bons. Basta que se siga àquela que lhe dá um clube congénere, da mesma terra, para que, fazendo das fraquezas forças, consiga, se não tudo, pelo menos poder contar com um parque de jogos onde se faça a propaganda activa do seu clube e das modalidades que o mesmo pratica.

Tudo o que não seja assim — é erro. Gaia é um símbolo e todos os seus clubes devem procurar honrar a sua terra, impondo-se através de tudo.

Estamos certos de que o Coimbrões voltará a contar tardes de triunfo, como outrora, em luta leal e desportiva com os seus adversários de quem ou além Douro...

Disciplinando...

A nota oficiosa enviada para os jornais diários e da especialidade da capital norte pela direcção do F. C. Pôrto não causou admiração.

Representa a repressão tardia das atitudes de alguns dos seus elementos de categoria, que, esquecendo os pergameinhos do seu clube puseram acima deles interesses pessoais, que podem ser admissíveis, mas não são criteriosos ou razoáveis.

Um senão tem essa nota, e esse apontámo-lo aqui claramente — direito que nos assiste pelo que temos dito em várias locais sobre o comportamento do F. C. Pôrto durante a época que findou. Não nos enganá-mos, infelizmente. A época terminou como começou: mal!

Esse senão ouvimo-lo da boca de muitos indivíduos com personalidade firmada dentro do desporto, por muitas pessoas a quem o descalabro causava nervosismo. Se — como é verdade e se garante — o mau procedimento não era de ontem, mas de há meses, por que razão não se tomou a atitude necessária na altura devida, poupando o F. C. Pôrto à vergonha dos números obtidos nesta época?

Ter-se-ia perdido na mesma, os resultados não seriam expressivos no capítulo vitórias, mas, pelo menos, teria ficado a certeza moral de que se havia lutado — a tempo e horas — contra um mal que progrediu, que avassalou o «onze», dispondo a seu talento de um nome que era um símbolo, uma coroa de glória para os nortenhos.

Ter-se-ia perdido, mas com honra — e a dignidade não sofreria abalo. Assim, não. Os campeonatos decorreram pela forma como se viu. E quando se vislumbrava a possibilidade de conquistar uma posição na «Taça de Portugal» — posição essa que não podia iludir nin-

Breves apontamentos...

ENQUANTO Lisboa assistiu já à disputa dos campeonatos de Estreantes e de principiantes, no Pôrto desconhece-se ainda a data do início da temporada atlética. E não se compreende lá muito bem este triste facto, tanto mais que três dos nossos mais importantes clubes — F. C. Pôrto, Académico e Salgueiros — têm organizado vários torneios inter-sócios, e todos eles com farta concorrência, de mistura com alguns resultados técnicos apreciáveis.

Por que não se realizam então, nesse caso, os respectivos campeonatos?

Aos clubes que têm as suas equipas de atletismo devidamente formadas compete responder.

Parece-nos, contudo, que as agremiações filiadas na A. P. A. — e só elas — podem e devem providenciar para que tal estado de coisas desapareça por completo. Salvo se a elas não interessar a competição...

Aguardemos os acontecimentos, certos de que o estado deplorável do nosso atletismo será em breve remediado os seus problemas mais graves, ainda que se torne indispensável a intervenção, sempre enérgica e salutar, da Direcção Geral dos Desportos.

Vamos deixar aqui um alvítre:

Com regularidade apreciável, têm-se realizado no Lima algumas provas de ciclismo, assistidas por numeroso público. E pergunta-se: não seria interessante a organização de programas mistos de atletismo e ciclismo? Acreditamos que a propaganda do atletismo seria muito beneficiada com tais jornadas desportivas.

Roberto Machado, sempre incansável, parece disposto a «remar» contra o ambiente em que vive agora o atletismo nortenho: na hipótese da A. P. A. continuar a não dar acôrdo de si, organizará um programa Pôrto-Académico, que será disputado pelos atletas estreantes, principiantes e juniores.

Daqui lhe endereçamos os nossos aplausos.

Sabemos não ser só o F. C. Pôrto, o Salgueiros e o Académico, que estão interessados em se fazer representar nos «possíveis» campeonatos. O Académico de Braga também tem cuidado da sua representação — e tem-no feito dentro do máximo segredo... — afirmando-se existirem por lá autênticas revelações.

Francamente: com atletas e clubes tão vivamente interessados pela modalidade, não se compreende que a A. P. A. — organismo formado por esses mesmos clubes — não tenha

(Conclue na pág. 15)

guém, porque era o resultado de um conjunto de circunstâncias, mas era, em suma, uma posição — surge a indelicadeza de uma exibição que tem tanto de condenável quanto de ofensiva para a cidade, cujo nome e escudo lhes foi confiado para que os defendessem.

Acima de tudo, contra todas as amizades e contra todas as coisas, discipline-se.

Mas que essa disciplina atinja todos aqueles que, podendo e devendo, não fizeram melhor porque não quiseram.

NORBERTO AMIAL

Notas... sem valor

VOLTOU à «cena» Cândido Pinto, na jornada final do campeonato regional de «hockey» em patins. Repetiu-se o mesmo «espetáculo» do jogo Académico-Infante de Sagres, no «rink» do Lima. Insistiu-se com uma personalidade muito discutida na imprensa diária — especialmente no sector da oposição...

— Mas a delegação da Federação Portuguesa de Patinagem, bastante «embarçada» com a escolha do candidato, seguiu o rumo

(Conclue na pág. 14)

III Lisboa * Barreiro em Basket-ball



As equipas femininas de Lisboa e Barreiro



Dois aspectos dos encontros



As equipas masculinas

CICLO-TURISMO: A distribuição de prémios do "rallye" organizado pelo Lisboa Ginásio Clube



Uma fase da corrida de 1.000 metros



Eleutério, do Benfica, vence na final dos 150 metros



A equipa do Sporting vencedora da estafeta 3x300



Pinto Basto, do C. I. F., campeão júnior do peso



campeão dos 1.000 metros

Atletismo os CAMPEONATOS REGIONAIS para Juniores



Campeonato de Lisboa de «Volley ball» — Uma boa fase do jogo Sporting-Benfica, no Lumiar, ganho pelos "leões."



ANTÓNIO SILVA
Um dos mais prometedores leves portugueses. Detido de um "punch" fortíssimo e de esplêndidas condições físicas, pode aspirar ao título nacional da sua categoria. As suas recentes vitórias sobre Vinícius e Velasco e um match nulo com Gonçales, creditaram-no como o mais directo rival de Miguel França.

O F. C. do Porto ganhou o campeonato nacional de "hand-ball" vencendo o Unidos de Lisboa por 7-6



Os dois finalistas



Uma fase do encontro

NO momento presente, em que o mundo se debate numa crise geral, tornam-se, pela reacção natural que as grandes convulsões sempre trazem, mais profundos os sulcos das novas directrizes que a rapariga portuguesa há pouco começou a trilhar.

Nova orientação no conceito material e moral da vida, e, dentro do enunciado geral deste problema, nova orientação na formação física da mulher: desporto feminino.

Não ignoramos como, por exagerados preconceitos de ordem religiosa e social, a vida das nossas avós era sedentária. Flôr de estufa, pállida e anémica, raro bebia o sol plenamente ou se envolvia sem rodeios e simplesmente no azul salgado e cheiroso da maresia do reino dos peixes.

Era este mais um dos múltiplos aspectos da limitação de direitos imposta à mulher; era assim que se lhe vedava o caminho, asfixiando-lhe a personalidade e a própria saúde. Foi assim que a mulher adquiriu um conceito falso da vida que tem de viver e onde vive, que se atrofiou física e espiritualmente.

Mas os tempos mudaram e a mulher de hoje trilha caminho novo, que a libertará num dia futuro, mas dir-se-ia que, embriagada por uma liberdade que nunca gozou, cambaleia, pratica exageros, não vê ainda claramente o rumo a seguir.

Vem isto a propósito de um «short» em miniatura que uma rapariga exhibia um destes dias num «court» de ténis. E não venho aqui falar de moralidade, mas da feminilidade adentro do desporto; a moralidade varia segundo

o país, segundo o meio social e, até, segundo a concepção que cada um tem dela. As chinesas, por exemplo, têm vergonha de mostrar os pés; em certas tribus africanas as orelhas das mulheres têm de ser pintadas de vermelho, porque é imoral que se lhes veja a pele. Mas, em cada concepção, em cada país, em cada meio, a mulher nunca deixou de ser mulher, futura mãe, ou pelo menos nunca devia deixar de o ser. É esse ponto essencial para a nossa vida; é esse atributo ancestral que nos segreda a melhor maneira de vencer na nossa fragilidade, e que (aqui para nós, que os homens não têm precisão de saber...) é a nossa grande força, que eu não queria ver perdida na mulher portuguesa.

Por quê não dirigirmos o desporto que praticamos, com a nossa própria personalidade, com personalidade feminina? Sim, porquê não imprimirmos a cada um dos nossos jogos, a cada um dos nossos «shorts», o cunho da nossa vitória de mulher? Mas, para isso, parece-me que não devemos esquecer pequeninas virtudes que todas nós temos e que não devemos calcar ou procurar atabafar com o ruído ensurdecedor da corrente modernista, porque elas fazem parte integrante de nós mesmas.

Ser então bota de elástico? Usar «shorts» até o tornozelo? Não; parece-me que podemos ser modernas sem deixarmos de ser nós; sem esquecermos a harmonia que costumamos pôr em tudo e sem perdermos as tais pequeninas virtudes que misturadas com os nossos defeitos não nos deixam confundir com os homens...

ANABELA

e António Correia, alunos de Domingos Miguel, que é um verdadeiro mestre nesta arte de esgrimir, bailes regionais (Emília Soares Alfaro e Vitor Manuel Denis, discípulos do esforçado e sempre pronto Artur Rodrigues), escada aérea (Manuel Neto e Nicolau Pereira) e saltos na mesa alemã (Emídio Plácido, Armando Pereira, António Augusto, Coelho Xavier, Matos Fernandes, Pedro Silva e Anselmo Pereira).

Todos os participantes não sarau foram muito aplaudidos, bem como os professores que apresentaram as suas classes — atestado vivo da sua competência profissional e dedicação clubista.

FALTA DE ESPAÇO

Por absoluta falta de espaço, somos compelidos a retirar algum original, entre o qual a primeira fase de uma série de artigos técnicos, da autoria do nosso colaborador, dr. Salazar Carreira, com o título *Corrija o seu estilo — a fotografia é o reflexo fiel das atitudes atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes*, que começaremos a publicar no próximo número. Por motivo idêntico ficaram retiradas as habituais secções de Xadrez e Palavras Cruzadas, assim como outro original, que contamos inserir também no próximo número.

Inaugura-se no domingo o campo de jogos da F. N. A. T.

Integrada nas comemorações do 8.º aniversário da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, realiza-se no domingo, 11, a inauguração oficial do campo de jogos «Afonso de Albuquerque», em Belém — em local onde funcionou a Grande Exposição do Mundo Português, na actual praça do Império.

Haverá, por esse motivo, um interessante festival desportivo, com apresentação das classes masculina e feminina de ginástica daquele organismo corporativo, duas corridas de estafetas e demonstração de futebol.

«Stadium» dedicará a essa festa — que vai, por certo, ser um acontecimento no meio e em que colabora uma deputação da «Organização Sindical Educacion e Descansos», de Espanha — uma reportagem especial, no seu próximo número.

ATLETISMO — Na primeira jornada dos campeonatos regionais (sul) da categoria de juniores, o Sporting souou mais dois pontos que o Benfica, apurando-se os vencedores seguintes: 83 m. barreiras, António Araújo, Sporting, 12 s. 8/10; 150 metros, E. Eleutério, Benfica, 17 s. 3/10; 1000 metros, Andrade, Benfica, 2 m. 46 s. 7/10; 3x300 metros, Sporting, (Luiz José, João Reino e José Castilho), 1 m. 54 s. 5/10; peso, Pinto Basto, Internacional, 13 m. 05 s. 5/10; disco, José Luiz, Sporting, 33 m. 49; comprimento, Alvaro Dias, Sporting, 6' 27."

«BASKET-BALL» — O Belenenses e o Campo de Ourique adjudicaram-se as taças disputadas no torneio promovido pelo último clube citado.

— A taça «José Peres Dias» foi ganha pelo Benfica, com o total de 143.54 pontos nas três categorias.

— O Grupo Desportivo da Pena ganhou o campeonato promocional da A. B. Lisboa.

— Nos «matches» Lisboa-Barreiro, verificaram-se os resultados seguintes: grupos femininos, Lisboa, 8-7; equipas masculinas, Barreiro, 37-35.

GIMNÁSTICA — André Schwarz foi homenageado, pelo Gimnásio Clube Português, com um banquete, no restaurante «Espelho de Água», e recebeu dos seus alunos uma artística lembrança.

«HAND-BALL» — O Futebol Clube do Porto, derrotando o Unidos de Lisboa, por 7-5, conquistou, pela quinta vez consecutiva, o título de campeão de Portugal da modalidade. No próximo número «Stadium» fará reportagem circunstanciada do jogo, que se disputou no campo do Lusit, no Porto.

«HOCKEY» EM CAMPO — O antigo internacional Fernando Adário despediu-se da actividade, no domingo, no decorrer do festival de encerramento da época, promovido pela Associação de Lisboa. Disputou-se um torneio-relâmpago, ganho pelo Futebol Benfica.

«HOCKEY» EM PATINS — O Académico, do Porto, ganhou o campeonato regional de 2.ª categoria.

NÁTAC — Inaugurou-se a época, no Porto, com uma corrida de 1500 metros, ganho pelo aveirense Acácio Agostinho da Costa, do Beira-Mar.

— Em Coimbra realizou-se um festival para inauguração da pista fluvial do Mondego.

PEDESTRIANISMO — Henrique Amaral, campeão popular nacional dos 3000 metros, foi homenageado pelo Desportivo Clube do Carmo, a colectividade que representou na organização das «Jornadas» do «Diário de Notícias».

RFMO — Os portugueses ganharam, em Barcelona, a corrida de «out-riggers» de 4, disputada à margem do campeonato peninsular.

TENIS — Prata Dias e Rui Pereira Pereira ganharam o 2.º campeonato nocturno do «Clif».

VELA — O campeonato de Lisboa de «sharpies» de 9.º foi ganho por João Tito, da «Mocidade Portuguesa», que souou 38 pontos nas três provas, seguido por Fernando Dentinho (M. P. S.) e Ortigo Ramos (A. N. L.), respectivamente, com 37 e 36 pontos.

«VOLLEY-BALL» — A equipa do Instituto Superior Técnico venceu, de novo, o campeonato de Lisboa, classificando-se a seguir o Parede F. C. e o Sporting.

Exposição Nacional de Campismo

Na Casa do Alentejo inaugurou-se anteriormente a Exposição Nacional de Campismo, promovida pelo Clube Nacional de Campismo e patrocinada pelo S. P. N.

No próximo número daremos o devido realce a esta cerimónia, que foi muito concorrida e despertou o maior interesse nos meios campistas.

Carta de Lourenço Marques

MAIO-JUNHO — Damos a seguir notas ligeiras à cerca das actividades desportivas em Lourenço Marques. «Basket-balls» — Começaram os treinos nos clubes que praticam a modalidade e a Associação regional está procedendo a uma campanha de propaganda útil, por intermédio de palestras do divulgação das leis do jogo.

Bilhar — O café «Bazar» organizou um torneio individual, que foi ganho por Mário de Sousa Martins. Registaram-se 26 inscrições, um «récord» a considerar...

Futebol — A abertura da época celebrou-se com um torneio — relâmpago promovido pelo Desportivo e no qual estava em jogo a taça «Paulino dos Santos Gil». Os resultados foram: Malhangalene-1.º de Maio, 1-0; Desportivo-Sporting, 1-1 (pontos: 10-26); Malhangalene-Desportivo, 2-2 (pontos: 27-23). O vencedor — Malhangalene — apresentou realmente o melhor «team», constituído por elementos expedicionários de Infantaria 6.

— Para a taça «Eng.º Freitas e Costa», o Desportivo e o Ferroviário empatarem por 1-1, devendo voltar a deffrontar-se. Nouto encontro, o Ferroviário ganhou ao Malhangalene pelo expressivo «score» de 7-0.

— Houve apenas uma transferência de vulto: a de Carlos Dias, do Ferroviário para o Desportivo.

— São treinadores: o húngaro Ferenc Kovács, no Sporting; o irlandês Swan, no Ferroviário; Lobato, ex-Sporting (tudo), no Desportivo; e Zéca, no 1.º de Maio. O Malhangalene treina por si...

Ginástica — Abriram as escolas do Sporting, a cargo de um professor estrangeiro.

Pelos clubes — Foram eleitos os novos corpos gerentes do Sporting, que são os seguintes: *Assembleia geral*, Domingos António da Piedade Barreto, Romeu Leitão e Mário de Carvalho; *Directão*, Alvaro Augusto de Sousa, tenente Alfredo da Silva Pereira, João Reis Camacho, Manuel Gomes, José Grácio Júnior e Mário de Sousa Martins, efectivos; Mamede da Silva Mendes e José dos Mártires Viegas, suplentes; *Conselho fiscal*, Gilberto Gonçalves Tábilo, Octávio Rodrigues Lobo e Mário Severino Dias Grança.

JOÃO REIS CAMACHO

OS 63 ANOS

DO ATENEU COMERCIAL

festejaram-se com um luzido sarau ginnástico em que se apresentaram tódas as classes

DECORREU com muito interesse o sarau desportivo com que o Ateneu Comercial de Lisboa celebrou a passagem do seu 63.º aniversário. Manifestação exuberante de actividade, esta apresentação dos atletas do Ateneu — colectividade que não cuida somente da educação física dos seus inúmeros associados, mas também da sua educação intelectual.

Pode classificar-se de brilhante o serão dos «acelistas».

A assistência era numerosa. E seleccionada. Na mesa da presidência viam-se os srs. Vasco Ribeiro, presidente do clube, dr. José Pontes e Martinho Gonçalves, do «Comité» Olímpico, e Lima Júnior e Arnaldo Mourão.

O desfile dos atletas — espectáculo interessante e vistoso — abriu o sarau. Depois foi a entrega de medalhas, do Ateneu aos seus campeões e dos Bombeiros Voluntários da Ajuda ao clube, por ter sido agraciado, recentemente, por aquela instituição, com a medalha de agradecimento.

A primeira parte constou da apresentação da classe infantil mista, dirigida pelo dr. Pina Lopes, um «acelista» de boa tempera, e de dois números mais: esgrima, por Santos Madeira e Mega da Fonseca, e duplo trapézio, em que se exibiram José Pestana e Manuel Neto.

Na segunda parte houve mais espectacularidade e variação de exercícios: luta greco-romana pelos campeões nacionais Coelho Xavier, António Augusto, Pedro Silva e António Pedro, discípulos do «olímpico» António Pereira; triplo-trapézio por Pestana, José Silva e Alvaro Santos; pesos e alteres (modalidade que catu em desuso...) por Vasques Felipe e António Augusto; e ginástica educativa pela classe de adultos, do prof. Álvaro de Jesus, Novas palmas. Novos motivos de regosio e satisfação da assistência.

Por último houve: exercícios de percha aérea (Alvaro Santos, António Nunes e Augusto Silva), jogo de pau (Joaquim Madeira

Assine a Revista «Stadium»

3 meses Esc. 19\$50 6 meses Esc. 39\$00

12 meses Esc. 78\$00

COISAS DA BOLA...

PROVAS em poule e provas a eliminar. Umas, provas de equilíbrio — outras, provas de rasgos e galopes sucessivos... Temos decidida inclinação pelas primeiras. Maior o seu rigor de apuramento; mais nítido o seu sentido de desporto. Amplas possibilidades de rectificação e o esforço dos jogadores mais graduado e normal. Sorte e azar, a eventualidade favorável e a desfavorável, a boa e a má contingência, com oportunidades para se compensarem, numa recíproca correcção reveladora da verdade. A-par da capacidade técnica, a de duração igualmente em causa. Afinar o *team* e mantê-lo em forma, ciência e fôlego, eis os factores do êxito. Na poule há de triunfar o melhor em equilíbrio, o mais capaz em regularidade.

No entanto, a escolha do sistema de torneio nem sempre pode ser determinada pelo critério da maior *verdade teórica*. Doutros elementos ela depende, simultaneamente. Os limites da temporada própria; a necessidade de efectuar dentro destas outras competições; a libertação de datas para jogos internacionais ou inter-cidades, etc. E ainda se poderia aduzir, como argumento a contrariar a generalização do sistema da poule a necessidade de variar as fórmulas de campeonato, para quebrar a tendência monotizadora da prova excessivamente larga e de características imutáveis. Cansa ver o que não muda... Variar é maneira de agitar e estimular o interesse...

Estas condições não invalidam, todavia, as nossas preferências, ao menos em princípio. Aonde queremos chegar? A que a prova em poule, para não ser traída nos seus objectivos de rigorismo e de melhor carácter desportivo, tem de encontrar, para os alcançar, condições propícias — condições essas que até há pouco nunca se verificavam no nosso País. Define a falta dessas condições, melhor do que qualquer outra coisa, a expressão ameaçadora *à volta da te esperô* — para designar o sistema. Com efeito, o *team* batido no campo do adversário, ao aguardar o jogo de repetição, não confiava apenas no maior apoio moral dos seus simpatisantes, já mais numerosos, no melhor conhecimento do terreno, então o seu, ou no simples facto de que tendo de defrontar novamente a equipa que o vencera, poderia acontecer que o fizesse com melhor sorte do jogo. Não! Era noutras coisas que pensava... No fácil recurso à violência ante público predisposto a aceitá-la, se não a estimulá-la; na coacção que exerceria no antagonista um ambiente feroz e permanentemente adverso; na contemporização dos árbitros reciosos de desacatos e até da incompreensão de muitos que pela sua situação adentro do desporto mais deviam protegê-los de que criticá-los. Era nisto, sim, que o *team* derrotado fora de casa punha as suas esperanças... E se acontecia que o *desaire* por êle sofrido não encontrava na *volta* a desforra ambicionada, quer dizer, na medida suficiente para se considerar saldada a conta, a sua *vigília* prolongava-se pela época seguinte. A boa oportunidade chegaria... Era o regime da espera — o regime da conta corrente... Certas tradições de rivalidade nasceram assim.

O encontro da *réprise* não aparecia aos olhos de muitos, de quasi todos, como elemento de correcção e equilíbrio das condições em que os grupos haveriam de lutar, em obediência a conceitos de rigorismo e de boa moral desportiva, mas como ensejo para soltar instintos vingativos largamente reprimidos. Tida a derrota como afronta, era preciso lavá-la... Algumas *saldas* ao campo do adversário valiam como actos de heroísmo em batalhas campais!...

Mas as coisas mudaram de feição, felizmente, e já se pode dizer, agora, que existem as condições exigidas pela eficiência do sistema da poule.

O policiamento do futebol, policiamento por igual dos jogadores e do público (desculpem-se a expressão se a acham contudente demais), feito ao presente com a força de autoridade necessária, dá às nossas actividades futebolísticas o rumo que melhor teria sido elas houvessem encontrado pela acção única, corajosa

e decidida, dos seus dirigentes. Saneado o ambiente das competições, humanizado o nosso futebol, os *teams* podem já ser mais iguais a si próprios, em qualquer ponto onde tenham de actuar. E não será preciso, para isso, reduzir a combatividade dos jogadores até uma possibilidade incompatível com a emoção que é inerente à própria índole do jogo, evitando aquela dureza que sempre caracteriza os partidos de campeonato. Bastará, para que o futebol seja o que realmente é, uma luta viril, que essa dureza se mantenha nos limites autorizados pelas regras do jogo. O futebol, para ter sabor, precisa ser condimentado com lances de risco e de valentia pessoal. O torneio de bola não o queremos nós num ambiente austero de exame, como também o não entendemos como *cross-country* de vicissitudes...

Certo é, todavia, não haver possibilidade de anular nas competições tudo o que não seja pure elemento de jogo, a-fim-de que ao mérito coubesse exclusivamente decidir da sorte dos pleitos. O pendor mais acentuado do público para um dos *teams* que lutam, a impressão depressora de se respirar uma atmosfera hostil e a desigualdade dos encorajamentos recebidos de fora do rectângulo, sempre hão-de ter reflexo maior ou menor na expressão dos resultados práticos das partidas.

Isto significa que, cultivada a violência, até onde a consente e a pede a natureza do jogo e as leis dêste a não punem, e alimentada em proporções dignas do desporto e dos desportistas a paixão das «cliques», muito fica ao futebol para nutrir os dois factores principais do seu interesse nas massas populares — a rjeiza das disputas e a surpresa dos seus desfechos.

Como se vê, não exigimos demasiado, não advogamos senão o que é humanamente alcançável. Até porque, nas lides do «shots» como por certo noutras coisas, o perfeito é bom de de mais...

JOÃO MARIA

STADIUM na provincia

ALBERGARIA DOS DOZE — Defrontaram-se, em futebol, os «teams» do Operário Albergariense e S. L. Albergaria, ganhando o primeiro por 5-3.

— A pesar de alguns entraves que têm surgido ultimamente, podemos informar de que está para breve a continuação das obras do novo campo de jogos.

ALCÁZER DO SAL Resultados das últimas partidas do campeonato de futebol do concelho: Barrozinhas — Independente, 2-1; Sabítia — Unidos Alcarezense, 6-0; Barrozinhas — Sabítia, 2-1; Independentes — Unidos, 4-1.

ALCOCHETE — O Imparcial, desta vila, foi jogar futebol a Fago de Arcos, triunfando por 2-0.

ALFARÉLOS — O Desportivo Alfarense venceu o Sporting da Sé Velha, de Coimbra, por 8-1.

BRAGANÇA — Fundou-se nesta cidade o C. D. dos Empregados do Comércio, cuja primeira direcção é constituída pelos srs. Alberto Rodrigues, Alberto Pousa, Otelo Puga, Armando Jorge Faria, Mário Pires e Manuel Coelho.

COVA DA PIEDADE — Veio aqui jogar futebol o Atlético, de Lisboa, que derrotou o Glândio do Sul por 9-0.

FOLHADOSA — Está em organização o Grupo Desportivo e Recreativo de Fôlhadosa.

FRONTEIRA — O Atlético Fronteirense foi jogar futebol ao Crato, perdendo com o Desportivo da Casa do Povo por 6-0.

— Famoso o Juventude, grupo infantil, jogou em Cabeço de Vide, perdendo com o União Vidense por 2-1.

ILHAVO — Em animado desafio de futebol, o Vale de Ilhavo derrotou o Boco F. C., por 3-2.

MONTIJO — Recebeu-se nesta vila a visita do «team» de futebol do Atlético C. P., que empatou com o Aldegalense por 1-1.

NAZARÉ — Os Nazarenos defrontaram o Barreirense, com o qual disputaram animado desafio de futebol.

PENAFIEL — Reuniu-se a assembleia geral do Sport, que tratou de assuntos do maior interesse para o clube.

— A União Desportiva Penafielense deslocou-se para Lousada, empatando com o grupo local por 3-3.

— Os jogadores Joaquim Peixoto e Fernando da Silva, respectivamente guarda-redes e extremo esquerdo do Sport, ingressaram no S. Lourenço do Porto.

S. BRÁS DE ALPORTEL — O Glória ou Morte Desportos Sambranzense derrotou, em Estól, o «team» da Casa do Povo local, por 6-0.

SANTA COMBA DÃO — Para o campeonato promocionário da A. F. Vzeu, os «Oze Pingüins», do Dão, venceram a Associação Académica, de Tondela, por 2-1.

VALE DE CAMBRA — Veio aqui jogar futebol o Royal Nogueirense, que defrontou a Associação Desportiva Valegrenense. O resultado foi um empate por 2-2.

VIDAGO — Os clubes locais estão dependendo regular actividade, em futebol. O Juventude bateu o Atlético Flaviense, de Chaves, por 4-2.

— Para disputa da taça Jaime Cruz, encontraram-se dois «teams» desta linda cidade: Juventude e Vitória. Registou-se um empate, por 3-3.

VILA DO CONDE — A-fim-de disputar o título de campeão da II Divisão da A. F. do Porto, defrontaram-se, pela quarta vez, o Sport Progresso e o Rio Ave. O último triunfou por 1-0, conquistando o campeonato.

VOUZELA — Os Vouzelenses jogaram aqui no Recreio de Agueda, perdendo por 3-5.

A acção dos remadores portugueses

em BARCELONA

NUMA das nossas anteriores crónicas escreveramos, a propósito da ida dos remadores portugueses a Barcelona, o seguinte, em substância: «Do que não temos dúvidas é que o «out-rigger» de 4, formado pela tripulação do Galitos de Aveiro, repetirá a excelente figura feita o ano passado. E não nos surpreenderá nada se ganhar». Ressalvávamos, evidentemente, a possível melhoria dos adversários espanhóis. Vaticinar uma vitória sem discussão dos remadores portugueses, seria estulticia. Uma prova de remo, como de resto todas as competições desportivas, está sujeita a variadíssimos factores, aos chamados imponderáveis... Escrevemos também então: «O Galitos tem tripulação para ganhar normalmente, se defrontar um adversário de classe semelhante ao do último ano. De classe superior que seja, duvidamos, entretanto, que sem azares da luta os azevires possam perder».

Parece, infelizmente, que adivinhávamos. Os portugueses, na digressão a Barcelona, foram tocados por manifesta infelicidade. Não se suponha que esta afirmação seja o «alibi» habitual de quando regressamos do estrangeiro vencidos desportivamente. Di-lo a nossa consciência e proclamam-no os jornais espanhóis, nem sempre muito justos nas suas apreciações — e que foram agora unânimes em apontar, não propriamente os percalços de que foram vítimas, mas o valor indiscutível exibido.

No primeiro dia de regatas, sábado, a bandeira portuguesa podia ter subido vitoriosa nas duas corridas.

Em «yolle» de 4, o Grupo Desportivo da C. P., campeão regional, ganhou nitidamente; os espanhóis foram superados pelo maior poder de arranque dos nossos compatriotas, que nunca perderam o sentido de ataque, mantendo ritmo violento mas certo.

Em «out-rigger», a prova revestiu-se de enorme espectacularidade. O valor dos lusitanos era conhecido e os espanhóis ambicionavam logicamente a desforra, para a qual se tinham preparado metódicamente. Logo na largada os portugueses foram superiores. Sabe-se que uma largada perfeita é quasi meia vitória. O Galitos arrancou pois magnificamente, dando a sensação, a quem assistia, de que aquela remada, com passagem rapidíssima do remo pela água e óptimo balanço do corpo à frente, era coisa facilíma, ao alcance de qualquer...

O «shell», porém, começou a meter água, devido à forte maré. O timeiro procurou, sem perder a vantagem obtida, dar um rumo que colocasse o barco mais ao abrigo da tumultuosa «carneirada»... Mas em vão. A água invadiu o barco e paralisou por completo a acção dos remadores, que tiveram de desistir.

Desportivamente, os espanhóis proporcionaram ao Galitos, três dias depois, uma prova extra, que redundou em magnífica vitória, como a sua classe nunca permitiu duvidar. Simplesmente, o triunfo oficial, o título de campeão ibérico, ficou em Espanha.

O «shell» de 8, vencido o ano passado com nitidez, comportou-se agora muito bem. Perdeu por segundos, o que significa ter sustentado luta de igual para igual. Nesta categoria tínhamos apreensões, sinceramente. Afinal, os nossos representantes não deixaram ficar mal o seleccionador-treinador.

O conjunto espanhol de «8» é bom. É mesmo a única representação com estofos absolutos. Em dois anos, duas vitórias consecutivas. Mais um motivo de extraordinário interesse para as regatas da próxima época — que poderiam, desculpem-nos a sugestão, realizar-se em Lisboa. Não é bairrismo, acreditam. Mas sim por propaganda. Na capital, o remo está a pedir uma injeção de «espertina»!...

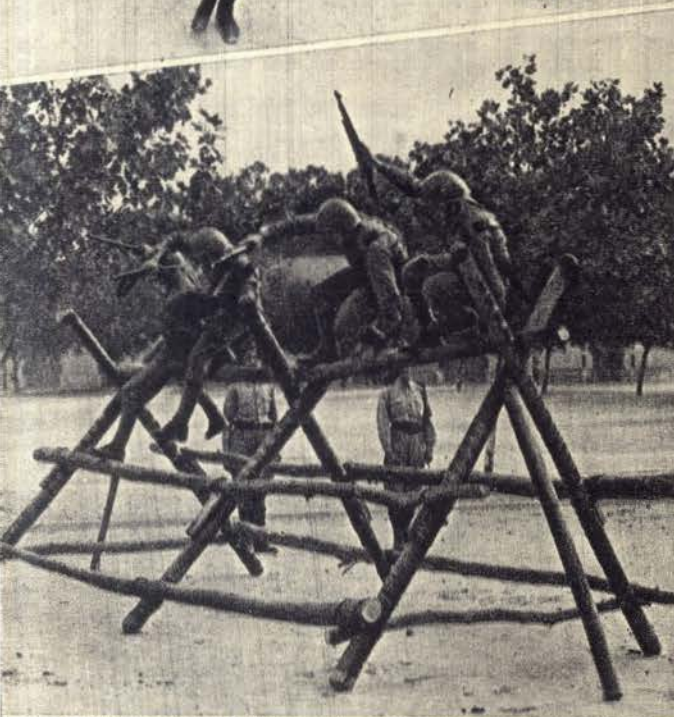
ARGONAUTA



A educação física no Exército

NA ESCOLA PRÁTICA de ADMINISTRAÇÃO MILITAR

Cultiva-se a ginástica e melhora-se metódicamente o rendimento físico dos seus soldados.



NÃO é fácil descortinar-se quante custa adaptar para a vida prática — e talvez de moços ruços, por natureza, homens dceis e disciplinados! Quando a educação física principia a ministrar-se na adolescência — todo o trabalho de continuidade é facilissimo! Mas se calha haver a necessidade de uma preparação, mais ou menos metódica e persistente, por alturas em que o homem está já formado, então o trabalho decuplica... E este o caso da educação física do soldado.

Sabíamos que, de entre as unidades de Lisboa onde melhor se ensina a fortalecer o espirito e a robustecer o corpo, a Escola Prática de Administração Militar é uma das que marcha na vanguarda! Outras há que usam de processos idênticos — a educação física, nas incorporações de recrutas, é estabelecida por lei — mas afitura-se-nos que no estabelecimento militar da Alameda das Linhas de Torres o «caso» está sendo cuidadosamente tratado. E por isso, uma destas manhãs lá fomos de abalada até às bandas do Lumiar.

Lá se encontra a Escola Prática de Administração Militar. Portas fechadas, não se vislumbra uma néscia do trabalho que lá dentro se produz, e que é muito!

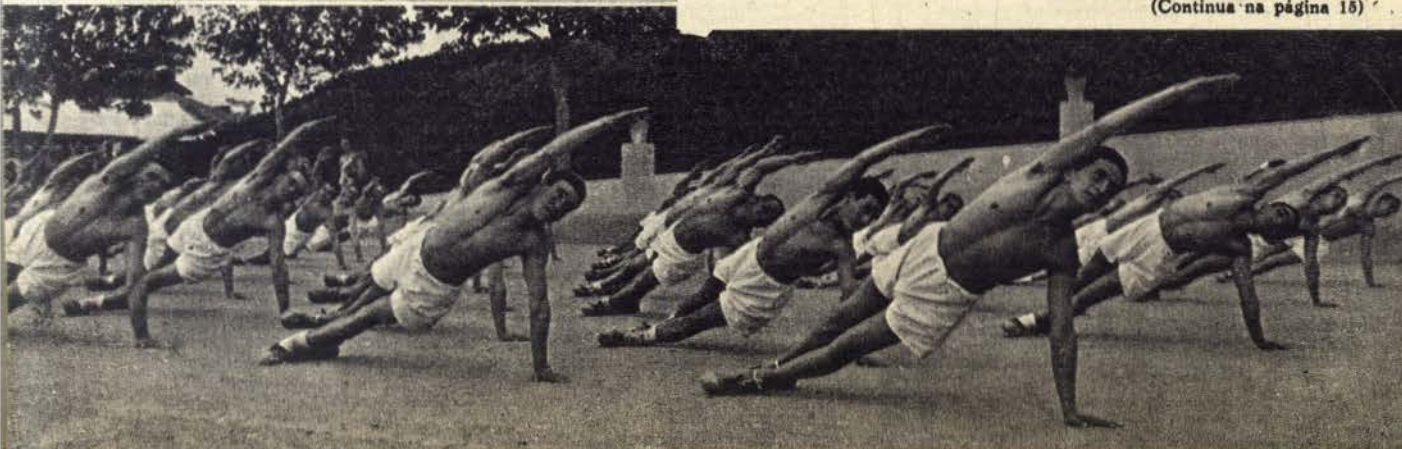
Na parede do quartel, uma parede que nos parece excelente, mas que nos garantem ser ainda pequena para quanto há a fazer, encontram-se todas as escolas de recrutas em activo funcionamento. Grupos de oficiais e subalternos, professores e monitores, vão dando instrução. E os soldados, alegria estampada dos rostos queimados de sol, nem sequer dão mostras de cansaço... Que a ginástica, quando assim praticada, pela manhãzinha, mal o sol descobre, até dá gosto e saúde!

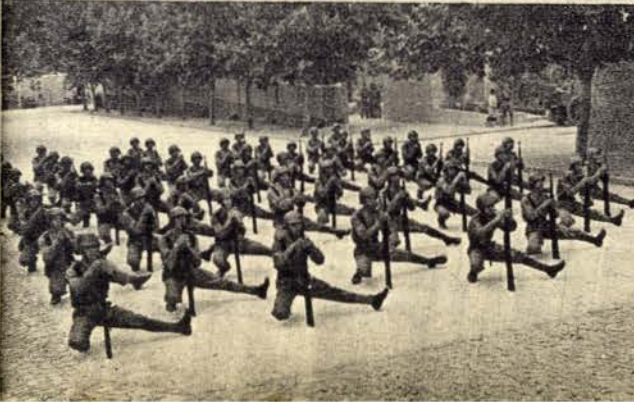
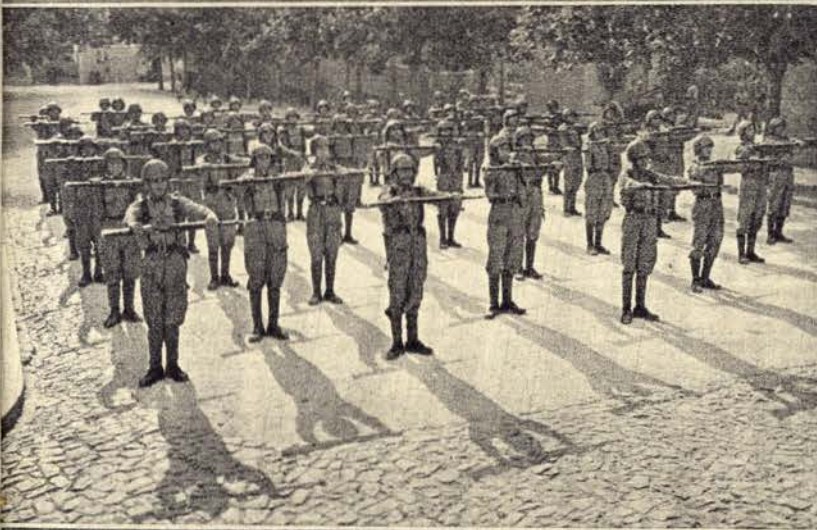
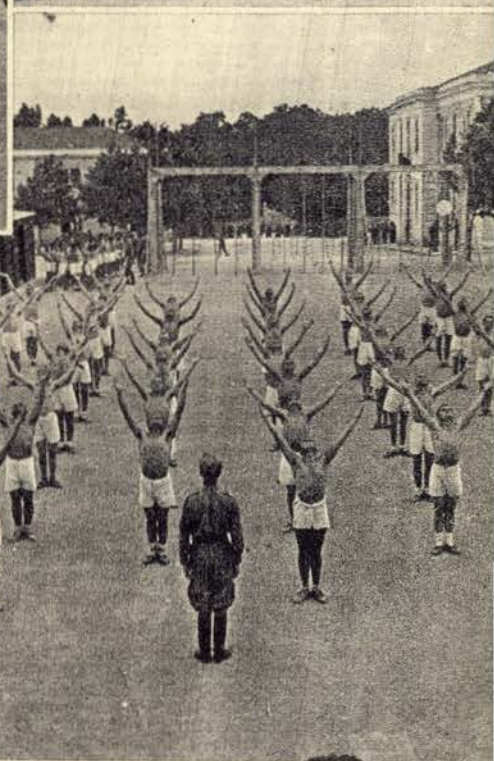
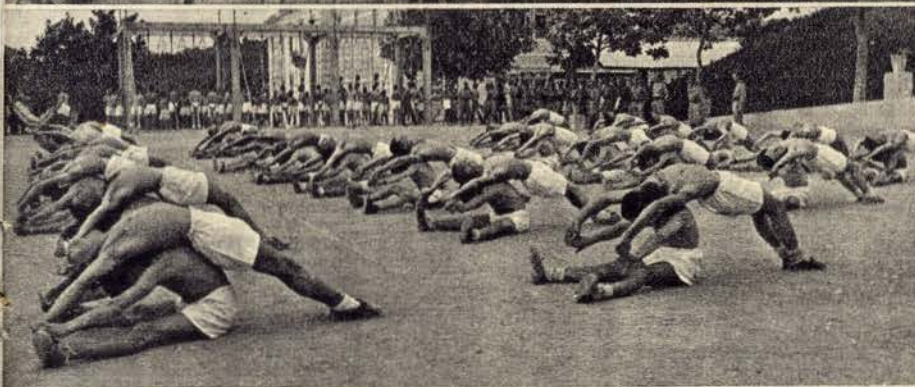
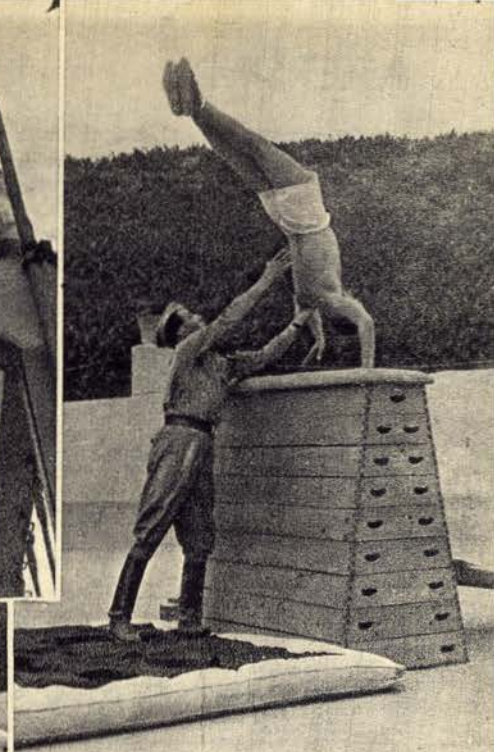
A incorporação subdivide-se em quatro grupos ou escalões, cada um d'elles entregue ao comando de oficiais susede nas escolas de instrução militar: há a classe dos mais adiantados — nós e meio de ginásticos, sômentes! — denominada, com certa pompa, de «especialização e desenvolvimento geral»; há a de «escalada ao pórtilco», uma coisa que não é lá muito fácil de fazer-se; também as de ginástica com armas, cartucheiras e outros apetrechos próprios; e de exercicios de applicação militar. Estes são os mais adiantados. Quanto aos outros, menos hábeis e até rudes por temperamento, entretêm-se em passatempos inofensivos, em jogos de que as próprias crianças gostariam imenso...

O aspecto geral, porém, é admirável. Boa disposição permanente. Disciplina e método nos exercicios. Em suma, sintoma real de aproveitamento. E não se esqueça de que se trata, na maioria, de rapaziada vinda de longínquas aldeias das Beiras, das pradarias do Alentejo ou — e êsses são poucos! — das terras áridas do Alentejo.

! A quem se deve tudo isto? Ao sr. comandante da Escola, principalmente. O sr. tenente-coronel José Soares de Mesquita é um antigo desportista praticante. Por isso mesmo compreende perfeitamente as necessidades da hora que passa. «E um país sem homens fortes é zero ao lado das outras nações» — para nos cor-

(Continua na página 15)





ATLETISMO

Os campeonatos de principiantes
— Análise e resenha de valor
pelo dr. SALAZAR CARREIRA

Os campeonatos de principiantes, com os mesmos erros e as mesmas virtudes, foram a segunda edição do torneio de estretes. A maioria dos resultados melhoraram, como era lógico, mas até os vencedores foram em grande parte comuns às duas jornadas.

Continuou a verificar-se idêntico deplorável atraso no começo das provas, que atrai o seu remate para horas impossíveis; no sábado saímos das Salésias às oito horas da tarde e o programa ainda fa a meio, e no domingo a última prova foi disputada às quinze horas.

O pretexto justificativo é ainda e sempre a tradicional falta de pontualidade do secretário do júri, único detentor das folhas oficiais e que aparece em campo três-quartos de hora atrasado; a realidade é, porém, outra e colocamo-la na dependência do hábito de não acumular as corridas e os concursos.

A organização propriamente em si nada há a dizer e tudo decorreu com ordem e disciplina; tudo, não, porque nas provas de estafeta os juizes em campo consentiram outra vez que o regulamento fôsse atropelado, sobrepondo ao honesto rigorismo das leis atléticas a sua simpatia clubista e o despreendimento pela verdade cega do desporto.

As transmissões de testemunho devem ser feitas dentro de limites determinados e, quando uma equipa prevarica — por mais involuntariamente que seja e por mais garantido que lhe estivesse o triunfo — a única solução é desclassificá-la. Condescender, é dar aso a suspeições que se não coadunam a categoria de dirigentes.

Esperemos pelo rigor serôdico, para vêr quando e contra quem se aplicará.

A pista das Salésias precisa de urgente reparação, para que se não perca ingloriamente o esforço generoso do Belenenses; nunca com maior justiça seria dispensado qualquer auxílio superior. Os clubes esgotam-se na luta pelos interesses da modalidade, que só dos seus esforços têm vivido, e até agora apenas encontraram quem proclame a conveniência de se lhes exigir mais ainda.

Os concorrentes e as provas

Os resultados dos principiantes fraquejam sobretudo em velocidade, talvez como consequência do mau estado do piso, e nos lançamentos. Algumas marcas são muito boas para a categoria e outras boas, sem reserva, para qualquer categoria: estão na última classificação as dos 3.000 metros, do salto em comprimento e dos 300 metros.

Temos aqui, nesta tremepe de vencedores, os mais esperançosos valores do concurso: Afonso Marques, Alvaro Dias e Mota Cerveira, dos quais os dois primeiros vencem ainda apenas com a classe natural que escassos meses de prática não apuraram.

O tempo de Afonso Marques entra para o quinto lugar da tabela portuguesa e melhor do que ele só conseguiram até hoje os senhores Pires de Almeida, Manuel Dias e Manuel Nogueira e o júnior Felipe Luis. Parece-me que a referência é eloquentemente significativa. O corredor sportinguista pode já conseguir melhor, apesar-dos enormes defeitos de estilo; a máquina é excelente e se a persistência o ajudar pode ir longe.

Alvaro Dias é um habilidoso ainda por aperfeiçoar; salta em comprimento sem aproveitar balanço, e salta à vara com estilo quasi intuitivo, donde resulta grande disparidade de ati-

tudes nas diversas tentativas. Conflito nêlo porque é disciplinado, atento e dedicado ao seu desporto.

Mota Cerveira tem o estofa de um corredor de velocidade prolongada e os seus finais de prova, autoritários e dominadores, não enganam analisadores experientes.

Há, ainda, mais nomes a destacar do lote dos principiantes de 1943: Faustino Guerreiro, cuja prova de barreiras com dois únicos treinos preparatórios é excelente; os saltadores em comprimento Mota Capitão e Amílcar Saraiva; os corredores João Relvo, Mário do Carmo, Fernando Araújo, Adriano Gomes, Cândido Garnacho e Manuel Pereira, revelação do Campeonato Popular organizado pelo «Diário de Notícias», no qual representou o conselho de ALENQUER.

Ficam, com certeza, outros por indicar entre aqueles que por qualquer circunstância passaram despercebidos ou menor aproveitamento tiraram dos dotes naturais. Um atleta nem sempre se revela ao primeiro ensaio.

Talvez seja este, por exemplo, o caso do «internacionalista» Francisco Correia, em cuja figura me pareceu rever a imagem do desditoso Honório Costa e que impressionou favoravelmente nas suas exhibições.

Na classificação geral, o Benfica, cuja equipa dispunha de maior lote de atletas já com a experiência que a elasticidade restrita da categoria admite, ganhou com segurança aos adversários.

Registe-se com agrado a presença de representantes de sete clubes, entre os quais merece especial referência o velho internacional, com um grupo promissor de novos elementos.

Notas... sem valor

(Conclusão da pág. 7)

indicado pelas circunstâncias. Impõe-se, de futuro, mais cuidado na escolha de «nomes»...

— Não saímos do ambiente «espectacular», bem notório nos «bastidores» da bola. Fartos de tantas «brincadeiras», os dirigentes dos clubes portugueses albergam no seu seio associativo jogadores de futebol que não se adaptam ao «clima». ... Viu-se agora, com a «nova» retirada de António Marques, médico-centro do Académico. O funcionário do sul, possivelmente com a incumbência do seu «chefe», voltou a prender o fugitivo...

— O jogo da Constituição, no dia de «S. João», em benefício do treinador do Leixões, vai ter graves consequências para os dois clubes. O primeiro relatório, suscrito por uma individualidade do burgo, fora do contacto directivo, é bastante completo... Um final de época muito doloroso para uma colectividade de honrosas tradições!

— A visão dos clubes do sul, na selecção de jogadores, é perfeita. Contudo, o mercado futebolístico tem as suas contrariedades. Uma das novas aquisições de segundo plano foi um bom «canudo»... para certo clube do sul. Fala-se em dezassete contos pela cedência do jogador!

— A primeira saída de grupos de «hockey» em campo à provincia foi coroada de bom êxito desportivo. Caíu em Viana do Castelo a primeira concentração — o ensaio de estudo. Manuel Carvalho Estêves, o «timoneiro» da organização, marcou dois tentos — e conseguiu um bom triunfo para a Associação do Porto.

— Já há campeão regional de «ping-pong», individual. Foi parar a Jorge Meireles, um valor da modalidade, o «título» máximo da sua região. Bateu um adversário rude, muito bom, com nome na série dos melhores — Emídio Silva, do F. C. do Porto.

— Muitos planos da comissão administrativa do Boavista. O projecto elaborado deve considerar-se já obra de interesse desportivo, bem definida pela gente da citada comissão.

— O Candal prestou a sua homenagem a Peres, um dos mais antigos jogadores dos clubes da 2.ª Divisão. Foi muito modesta a «cerimónia» de sábado. Teve, todavia, a sinceridade da «sua gente» e dos convidados. O Candal cumpriu o seu dever — para com o atleta.

DR. ALVARENGA

Desportos do "STICK"

O Paço de Arcos ganhou o campeonato de Lisboa de «hockey» em patins, nas três categorias, e o Futebol Benfica foi o vencedor da taça «Costa Campos» — Provas em curso e organizações próximas

A Federação Portuguesa de Patinagem não descansa — nem deixa descansar os seus atletas! Ainda mal acabou o campeonato de Lisboa da I Divisão (e reatou-se ontem o da II...) já se pensa nos campeonatos regionais e nacionais de corridas e no campeonato de Portugal de «hockey»! É uma actividade constante, permanente, a uma velocidade de loucura... Isto pode constituir indício de trabalho — mas o trabalho demasiado também não pode ter método! E apresenta a desvantagem de fatigar: os atletas e até o próprio público. ¿Ou não será assim?! Eis o «panorama» actual...

— O torneio principal de «hockey» foi ganho pelo Paço de Arcos — nas três categorias. Um triunfo bonito, que merece realce, pelo que representa de trabalho. Na prova secundária, que deve concluir-se no dia 25, são favoritos o Desportivo dos Tabacos e o Sporting, um estreante e um ex-campeão: de Lisboa e de Portugal.

— A vitória global do Paço de Arcos H. C. é interessantíssima, em todos os aspectos: constitue proeza de mérito e iguala o «récord» que o Benfica estabeleceu há 18 anos — quando, pela primeira vez, conquistou os três títulos na mesma época. Mas o Benfica repetiu a façanha cinco vezes! — e isso é que é um «récord» difícil de equiparar... O vencedor apenas conheceu duas vezes a derrota — ambas em 2.ª categoria e na primeira fase da prova. Vejam-se os resultados: 1.ª, 14 vitórias e 80-25; 2.ª, 15 vitórias, 2 derrotas e 116-29; 3.ª, 8 vitórias, 2 empates e 65-18.

É realmente bonito. Mas há mais. O clube de Paço de Arcos chamou também a si a taça «Lazarus», com o total de 83 pontos; e os mais próximos, F. Benfica e Benfica, tiveram 65...

— O Futebol Benfica, destronado em «hockey» em patins, ganhou, porém, todas as provas de «hockey» em campo da época! E para fechar conquistou a taça «Costa Campos» (6 vitórias e 17-3) e venceu o torneio de encerramento. Do mal o menos...

— Começam depois de amanhã os campeonatos regionais de corridas (seniores e veteranos) disputando-se nos dias 12 e 14 as últimas provas.

O programa é o seguinte:

Dia 9 — 3.500 metros (seniores), 100 m. (veteranos), 1.500 m. (seniores), «americana» (veteranos) e 3x1.000 m. (seniores). Dia 12 — 1.000 m. (seniores), 3x100 m. (veteranos), 300 m. (seniores), 500 m. (veteranos), e 5.000 m. (seniores). Dia 14 — 500 m. (seniores), 300 m. (veteranos), 3x200 (seniores), 3x300 m. (veteranos) e «americana» de seniores.

— Está aberta a inscrição para os campeonatos nacionais de corridas, a qual fecha no dia 19. E anteontem encerrou-se a do campeonato de Portugal de «hockey», de que é detentor o Paço de Arcos e a que concorrer também o Futebol Benfica (vencedor em 1940 e 1941), o Infante de Sagres e o Académico, ambos do Porto.

— Juntamente com os campeonatos regionais de corridas disputar-se-á um torneio denominado «O melhor marcador de grandes penalidades», em moldes inéditos e interessantes.

— No domingo reúniram-se alguns árbitros-jogadores (antigos e modernos), que confraternizaram, disputando um desafio de «hockey». Tudo nomes conhecidos, de veteranos (como Prazeres, Artur Gomes, Diamantino, Estêves, José Eugénio, Rombert, Matos e Silva, Martins Correia, Godinho e Manuel Correia) e de novos — neste caso, apenas, Vilela da Mota e José Soares. Arbitrou Jaime Resende, um novo que podia ser uma utilidade se não fora a influência do meio...

"FLECHA" Rainha das bicicletas
"STAND" no Intendente LISBOA

O TORNEIO DE FUTEBOL DA A. F. L. focado nos seus vários aspectos

Os clubes populares de desporto bem merecem a acção orientadora há pouco iniciada pela Associação de Futebol de Lisboa, procurando rodá-los do necessário ambiente disciplinar e de cuidadosa assistência, tanto médica como técnica, que permita conseguir, do entusiasmo e da boa vontade desses modestos mas simpáticos clubes, um auxílio valioso para o desporto nacional.

Dirigidos e frequentados por pessoas honestas e boas, as colectividades de desporto que se espalham pelos bairros de Lisboa são dignas da ajuda dos organismos oficiais do desporto português.

O futebol popular tem possibilidades, que não puderam já ser demonstradas pelo facto de tanto ter demorado a pôr em prática a ideia de acolher e interessar nas associações dirigentes os clubes populares e os seus dedicados representantes.

Por essas dezenas de clubes de bairro têm passado jogadores que são hoje elementos de destaque no futebol, e outros por lá têm andado, estragando a sua habilidade, e enchendo-se de defeitos — ao mesmo tempo que sem as condições necessárias de assistência médica cometem os maiores exageros.

Jogando livremente, sem a preocupação de obedecer a regras disciplinares, o seu «feitiço» de jogadores apaixonados tem por vezes consentido desagradáveis tropelias.

Era, pois, necessário integrar na devida organização do desporto nacional os clubes populares. E eles bem o desejavam, pois logo após ter surgido essa oportunidade acorreram com o melhor interesse a regularizar a sua situação e a corresponderem com o seu entusiasmo às indicações que lhes iam sendo dirigidas.

O amparo e auxílio ao desporto popular é um dos aspectos importantes com que devemos regosijar-nos.

Muito se poderá conseguir desses modestos clubes da capital, oferecendo-lhes com interesse o cuidado de que eles tanto precisam — e merecem.

Quasi ao findar a época de futebol tornou-se conhecida a realização de um campeonato popular, organizado pela A. F. L.

Já antes o mesmo organismo havia provi-

enciado no sentido de que todos os clubes de bairro pensassem a sério na sua documentação oficial e respectiva filiação na A. F. L. E surgiu depois a disputa do torneio, que pelo facto de tão tardiamente poder ser organizado só reuniu a inscrição de oito clubes: Lisboa F. C., Caselas F. C., Clube Recreio Musical 6 de Setembro, Sport Lisboa e Aguias, União Desportiva Clube, G. D. do Rato, Botafogo F. C. e Aguias do Alto do Pina.

Todos têm em ordem a sua documentação, tanto no Governo Civil, como na A. F. L. e na Federação das Sociedades de Recreio, e os jogadores inscritos foram devidamente inspecionados pelos médicos da Associação. Portanto, este torneio popular de futebol revestiu-se de inteira importância, pelo valor da iniciativa e pela forma como foi orientado.

O sr. presidente da A. F. L. fala-nos do futebol popular

O sr. 1.º tenente Joel Pascoal, illustre presidente da A. F. L., quis ter a gentileza de nos fornecer algumas informações acerca deste torneio popular de futebol.

— Este campeonato — diz-nos — foi um desejo do sr. tenente-coronel Salvação Barreto, que a Federação Portuguesa de Futebol imediatamente secundou e ao qual a Associação de Futebol de Lisboa emprestou todo o interesse, esforço e dedicação. Foi muito interessante sob o ponto de vista de correcção e disciplina. Muitos foram os motivos de agrado, em especial pela maneira quasi impecável como os grupos se apresentaram em campo.

«No aspecto técnico, igualmente ficámos satisfeitos com o que se observou. Notámos rapazes com muita habilidade, que «amanhã» poderão valorizar excelentemente o futebol nacional.

«O campeonato popular teve esta virtude: a de que todos os jogos foram efectuados ao abrigo dos regulamentos da A. F. L.

«As arbitragens contribuíram para o êxito da iniciativa: impecáveis em todos os aspectos. Os árbitros que dirigiram os jogos são dos quadros da A. F. L. e da F. P. F., e prestaram-se, graciosamente, a colaborar nesta iniciativa. Alguns tiveram o cuidado de explicar aos «teams» a razão das penalidades que se verificavam no decorrer dos jogos.

«Na próxima época, o torneio será extensivo a todos os clubes populares que estejam devidamente legalizados — e a A. F. L. espera que assim suceda, pois ultimamente muitos outros clubes populares se apressaram a tratar da sua documentação. No próximo ano de futebol os clubes populares terão o seu grande torneio.

«A comissão encarregada do estudo e elaboração das bases em que deve assentar o campeonato popular de futebol deu já por terminada a sua missão e o trabalho produzido mereceu a aprovação da Direcção Geral dos Desportos.

A exibição do futebol popular nas Selésias — Alguns comentários

O torneio popular de futebol, disputado nos moldes da «Faça de Portugal», teve uma «final» rodeada de brilhantismo.

Belíssima apresentação dos grupos concorrentes, impecáveis no equipamento, correctíssimos nas saudações e no desfile e empuñando galhardamente os estandartes dos seus clubes.

A final, entre o Botafogo e o União Desportivo Clube, deixou a melhor impressão. Pormenores técnicos de absoluto mérito, intuição e execução de jogadas de real valor. Um conjunto apreciável de qualidades confirmando o muito valor que reside nestes clubes populares. Com esta sua exibição nas Selésias conquistaram em definitivo — assim o supo-

mos — o merecido e indispensável auxílio. E com isto muito terá a lucrar o futebol nacional.

O clube vencedor

O vencedor deste torneio — o União Desportivo Clube — é, como todos os outros, um clube modesto mas animado do melhor entusiasmo de prosseguir no caminho desportivo.

Representa um bairro, o Casal Ventoso de Baixo, e foi fundado em 1922. Tem-se dedicado sempre ao futebol, mas disputando só jogos particulares.

Esta iniciativa da A. F. L. e a vitória conseguida no torneio veio dar-lhe mais alma e inculcá-lhe maior entusiasmo. Assim pensa a sua direcção, constituída pelos srs. José Martinho Andrade, João Ferreira, Carlos Ferreira, Joaquim Teodósio, Alberto Teodoro e Armando Silva.

Na sua sede, pequenina mas onde a dedicação é grande, num interessante mostruário estão as taças ganhas pela equipa de futebol do clube, orientada pelo sr. João Henriques e que para esta «final» alinhou com: Francisco Duarte; António Santos e Manuel Ribeiro; António Cruz, António Taborda e Manuel Cruz; Cassiano Santos, Armando Baptista, Adolfo Horta, Fernando Gonçalves e Júlio Silva.

Como tantos outros grupos populares, também o União Desportivo Clube tem fornecido para «teams» de superior categoria os seus jogadores. No Unidos estão os seus antigos elementos; António Gomes, João Augusto Silva, João Pessoa e Artur Marques; e o Operário, João Henriques.

FERNANDO SÁ

ATLETISMO PORTUENSE

(Conclusão da pag. 7)

ainda dado acôrdo de si, desde Agosto de 1942 a Julho de 1943!!!

Sem comentários...

Pormenores a atender pelos organizadores dos futuros programas atléticos:

— Designar um local exclusivamente reservado aos concorrentes, com proibição rigorosa de se afastarem desse local para os lugares reservados ao público...

— Eliminar sem apêlo todo o atleta que falte à chamada para a prova que deve disputar.

— Impedir por todos os meios a presença na pista de pessoas estranhas à organização. O público impressiona-se, sempre que verifica tal facto. E irrita-se.

— Evitar as discussões calorosas entre os membros do júri, que devem pôr nas suas decisões toda a sinceridade. Qualquer mal-entendido, compete ao juiz-árbitro resolvê-lo.

— Aconselhamos ainda os membros do júri à leitura atenta dos regulamentos atléticos antes das provas... Muitos deles, em organizações passadas, deram mostras evidentes do seu desconhecimento.

No futebol, no «basket-ball» no «boxing», no «hand-ball», em todas as modalidades, enfim, existe uma escola de árbitros e é desta — e só desta — que saem os juizes das respectivas competições.

No atletismo — caso singular! — não há escola de árbitros, e o cargo de juiz está ao alcance de qualquer: basta possuir um cronómetro ou ter um amigo influente...

Podemos afirmar, sem receio, que não há uma dúzia de pessoas em Portugal que conheça profundamente as leis pelas quais se rege o atletismo. E nada se fez ainda para que essas leis se tornem conhecidas.

No nosso livro «Atletismo» incluímos os regulamentos da modalidade, mas a A. P. A. até hoje não quis patrocinar o nosso desejo de os publicar em separata, tornando-os acessíveis a toda a gente.

EDUARDO SOARES

Educação física no Exército

(Conclusão da pag. 12)

virmos da frase de um estadista célebre. Antigo concursista hípico e atirador, praticante entusiástico do desporto, o sr. comandante Soares de Mesquita dá o exemplo — e é dos primeiros a aparecer no quartel, mal rompe a manhã...

Mas o sr. comandante Mesquita tem bons colaboradores. E por isso o trabalho sai uniforme e tem dado os melhores resultados!

Não só a ginmástica — base, afinal, de tudo quanto queira fazer-se em matéria desportiva — é praticada na Escola. Também os jogos complementares, em especial o atletismo, o «basket-ball», o futebol e o «volley». Além, claro está, do tiro e outras modalidades a que os próprios exercícios militares obrigam.

! Mas calculam os senhores o trabalho que se desenvolve, ali, na Alameda das Linhas de Torres, naquêlê quartel?! Nem imaginam sequer! A maioria dos recrutas são rapazes vindos dos campos, robustos, sim, mas sem a flexibilidade que só a ginmástica permite. E é realmente agradável de vêr-se a destreza com que eles sobem ao pórtico — desaparecido o receio primário da eventual queda de quatro metros de altura... — com «armas e bagagens», numa agilidade de felinos, de homens habituados «àquilo»; e «aquilo» causa, de verdade, calor! Que o diga o nosso Nunes de Almeida...

Abandonámos a Escola Prática de Administração Militar com a melhor disposição. A recepção fôra cavalheiresca e a amabilidade do sr. comandante Soares de Mesquita e dos seus oficiais não tiveram limites.

Proporcionaram-nos o prazer de uma bela manhã e de uma reportagem que nos satisfizeram inteiramente. Melhor que quanto pudessemos escrever, as fotografias que a ilustram «dizem» tudo...

JORGE MONTEIRO



A GRANDE REGATA OCEANICA PARA A DISPUTA DO «TROFÉU DR. OLIVEIRA SALAZAR» — OS BARCOS «TUPY», «RIBAMAR» E «MARILINE», RESPECTIVAMENTE 1.º, 2.º E 3.º CLASSIFICADOS. EM BAIXO, À DIREITA: A TRIPULAÇÃO VENCEDORA COM OS MEMBROS DO JÚRI

